

Revista Bibliot3ca

Ano I - maio 2024



THE MASONIC CHART.

índice

Pag. 3

A Simbologia da Purificação pelos Elementos e as Origens da sua Introdução nos Rituais Maçónicos

Pag. 8

O Oriente Eterno

Pag.17

A Lenda dos Quatro Santos Coroados

Pag. 22

A Cabala Cristã

Pag. 32

A Conexão Januária

Pag. 42

A Estrutura do Craft inglês e a questão da religião em Maçonaria

Pag. 47

A Arte da Memória e Maçonaria

A Simbologia da Purificação pelos Elementos e as Origens da sua Introdução nos Rituais Maçónicos

Por Joaquim Grave dos Santos



A simbologia da purificação pelos quatro elementos encontra-se presente na maior parte dos rituais de iniciação, dos ritos maçónicos continentais, e ausente na globalidade dos ritos de origem anglo-saxônica. Este procedimento litúrgico, que integra as provas sucessivas da terra, água, ar, e fogo, baseia-se numa concepção simbólica da constituição da matéria, profundamente enraizada na cultura clássica ocidental. O estudo do Cosmos foi um dos temas recorrentes entre os filósofos gregos pré-socráticos. Segundo Actius “Foi Pitágoras o primeiro que deu o nome de Cosmos à envolvente do universo, em razão da organização que aí se vê”. O mesmo filósofo refere, ainda, que “Thales, Pitágoras e os da sua escola tinham dividido a totalidade da esfera celeste em cinco círculos, que eles chamavam zonas”. Estes consistiam no equador, nos trópicos, no círculo ártico, e no círculo antártico.

Tião de Esmirna dá-nos conta dos ensinamentos de Filolaos, que estabelece uma correspondência simbólica entre as cinco zonas da esfera celeste e cinco elementos: “Os corpos da esfera são cinco: o fogo, a água, a terra e o ar, que se encontram

contidos na esfera, aos quais se acrescenta um quinto, a casca da esfera”.

Resulta, pois, evidente a correspondência dos quatro elementos atrás referidos às cinco zonas da esfera celeste, e a crença na existência de um quinto elemento representativo da unidade de todo o Cosmos. Esta correspondência identificava a água com a região antártica, os trópicos com o ar, o ártico com o fogo e, a terra com a zona equinocial.

Para além deste arquétipo cosmológico, os quatro elementos tradicionais tiveram, também, interpretação metafísica, simbolizando Zeus o fogo, Hera a terra, Nestes a água e Adonis o ar. Tendo em conta a sua proveniência e essência, estes quatro elementos da física pré-socrática não podem ser considerados literalmente, mas apenas simbolicamente, seja no seu contexto de origem, seja no âmbito dos domínios que, posteriormente, os importaram por sincretismo, tais como a filosofia hermética, a alquimia, ou a maçonaria. É neste último caso, que importa aprofundar a sua génese e disseminação.

Muito embora a temática das viagens tenha esta-

do presente, nas cerimónias de iniciação, desde os primórdios da maçonaria especulativa, o mesmo não se passa relativamente às purificações pelos quatro elementos. Assim:

- Em 1730, Samuel Prichard na sua “*Masonry Dissected*” refere, somente, que o candidato efetuava uma volta à Loja, para se apresentar à assistência;
- Em 1737, no mais antigo Ritual Francês conhecido, o recipiendário fazia três viagens, antes de ser conduzido ao Venerável Mestre. Não existem, neste ritual, nem elementos, nem provas, nem purificações, apenas no decurso das viagens era vertida resina em pó sobre os candelabros justapostos ao Quadro de Loja, para causar maior impressão no recipiendário;
- Em 1767, os “Rituais do Marquês de Gages” descrevem o recipiendário conduzido à volta da Loja pelo 1º Vigilante, sem que intervenham nas viagens nem elementos, nem purificações, se bem que a prova do fogo figure na iniciação;
- Todavia, um catecismo de 1749, de uma Loja de Lille, comporta a resposta “Fui purificado pela água e pelo fogo”. Trata-se da mais antiga menção desta inovação, a qual já existia em altos graus praticados na época, podendo ter migrado daí para a maçonaria azul.
Estas duas purificações não têm, aliás, origem hermética, mas sim bíblica, correspondendo aos baptismos da Antiga e da Nova Alianças.
Recorda-se as palavras de S. João Baptista, em Mateus 3.11 “Em verdade vos batizo com água...mas aquele que vem após mim...vos batizará com o Espírito Santo e com fogo”;
- Em 1786, no “*Régulateur du Maçon*”,

documento fundador do Rito Francês, o Grande Oriente de França fixa a purificação pela água após a segunda viagem, e a purificação pelo fogo após a terceira, sem haver qualquer referência a outros elementos;

- Os três elementos constituintes da matéria, na perspectiva Martinezista (fogo, água, terra) só aparecem tarde na maçonaria retificada, em 1786-1787, apenas e somente com a interpretação específica do RER, sem qualquer relação com a que se encontra nos restantes ritos;
- O “*Guide des Maçons Écossais*”, de 1804, mais antigo documento regulador dos graus simbólicos do REAA, faz passar o recipiendário pelas chamas purificadoras na terceira viagem, sendo as duas anteriores isentas de purificações;
- Enfim, em 1820, o Ritual do Rito de Misraïm explicitamente prevê a purificação pelos quatro elementos, sendo a prova da terra objetivamente associada à passagem pela Câmara de Reflexões, e as purificações pela água, fogo, e ar, realizadas sucessivamente por esta ordem, associadas a três viagens realizadas fora do Templo, nos Passos Perdidos. Tratou-se, pois, de uma completa inovação, relativamente a um século de prática maçónica anterior, neste país.

Este modelo repetiu-se no Ritual do 1º Grau do Rito de Memphis, de 1838, no qual apenas foi alterada a ordem dos elementos, para terra-arágua-fogo.

A migração desta simbologia foi quase imediata, dos Ritos Egípcios para os restantes ritos praticados à época em França, passando, contudo, as purificações a serem realizadas no interior do Templo.

Muito embora nas revisões do Rito Francês

efetuadas até à versão Murat, de 1858, tenha sido mantido, formalmente, o protocolo inicial das duas purificações, a identificação das viagens com os quatro elementos foi, correntemente assumida pelos autores maçónicos da época ligados a este Rito, nomeadamente por Clavel e, por Ragon.

A partir de 1877, as purificações foram retiradas dos rituais do Grande Oriente de França, na sequência de uma revisão laicisante do Rito, tendo sido reintroduzidas, já com referência aos quatro elementos, no decurso dos últimos decénios. Tanto no Rito Francês Groussier, como no Rito Francês Moderno Restabelecido, a ordem dos elementos considerada é terra-água-ar-fogo. Tal foi, também, a ordem elegida por Robert Ambelain, na sua revisão dos rituais dos Ritos Egípcios, que deu origem ao Ritual do Rito Antigo e Primitivo de Memphis-Misraïm, atualmente praticado.

No REAA, a importação também se deu imediatamente, estando a mesma presente em todos os Rituais da Grande Loja de França, desde a sua fundação em 1896, com a ordem terra-ar-água-fogo, que é hoje característica deste Rito. Se o REAA influenciou, na sua génese, os Ritos Egípcios, também podemos considerar que estes vieram, reciprocamente, a inspirar, de algum modo, a sua matriz original.

Perante toda esta sequência cronológica, duas perguntas surgem naturalmente:

- Porque é que estas purificações apareceram em 1820?

- E por que em um Rito Egípcio?

A resposta para elas poderá estar em... Mozart! No libreto da ópera “A Flauta Mágica”, de 1791, no seu segundo ato, cena 7, consta a seguinte referência:

“Aquele que avançará por esta estrada plena de obstáculos

Será purificado pelo fogo, a água, o ar e a terra
Se ele pode superar os receios da morte
Se elevará da terra até ao céu”

Sendo esta ópera da autoria de dois Maçons, Mozart e Shikaneder, e reproduzindo a mesma uma iniciação, será que esta simbologia já existia na maçonaria austríaca trinta anos antes de ter surgido em França?

Mozart foi iniciado em 14 de dezembro de 1784, em Viena, na Loja “Zur Wohltätigkeit”, sob os auspícios da Grande Loja Nacional Austríaca. Antes dessa data, praticavam-se, em Viena, quatro ritos: a Estrita Observância, o Rito de Zinnendorf, o RER e, o Rito de Adopção. Muito embora a Loja-Mãe de Mozart tenha sido constituída para praticar o RER, à data da sua iniciação, a oficina utilizava já outro ritual, do qual se encontra depositada, em Copenhaga, uma cópia manuscrita.

Trata-se de um ritual claramente de influência francesa, todavia com alguns pontos comuns ao Ritual do 1º Grau do Rito de Zinnendorf. Nesta cerimónia, o recipiendário, depois de passar pela Câmara de Reflexões, faz três viagens. Segundo o texto deste ritual, o Venerável Mestre ordena ao Segundo Vigilante que faça o recipiendário realizar a primeira viagem “pelo ar e pela terra”, a segunda “pela água”, e a terceira “pelo fogo”, sem haver, contudo, qualquer referência a purificações.

Se este conceito migrou da maçonaria para a ópera, tal não pode ser objetivamente confirmado. Constitui, contudo, um facto, que Mozart foi iniciado através de um ritual que mencionava os elementos, não assumindo, todavia, no mesmo a forma presente no libreto de “A Flauta Mágica”, que se parece reproduzir no Rito de Misraïm. No final do séc. XVIII a maçonaria austríaca cairá na penumbra, e praticamente desaparecer, em virtude dos éditos restritivos de José II,

o mesmo não sucedendo, contudo, à “A Flauta Mágica”, que conhecerá uma notoriedade assinalável por toda a Europa.

Subsistem, todavia, as perguntas: por que 1820, e por que em um Rito Egípcio. Poderá, no entanto, ter sido recentemente descoberto o elo da cadeia, que faltava para lhes dar resposta.

Em 1801, Ludwig Wenzel Lachnit, natural de Praga, apresentou ao público parisiense uma “nova ópera de Mozart” denominada “Os Mistérios de Isis”. Esta obra, com libreto em Francês, da autoria de Étienne de Chédeville, e música reciclada a partir da partitura da “A Flauta Mágica”, e de importações de outras óperas de Mozart, conheceu um assinalável sucesso, atingindo um total de 130 representações até 1810, com reposições em 1816, e 1827.

Terá sido a ópera mais representada durante o Império, não sendo estranho ao seu êxito o facto de a sua estreia ter coincidido com o final da Campanha do Egípto, e de ter beneficiado de uma quinzena de anos nos quais os temas egípcios estiveram na moda.

No libreto desta obra, publicado em Paris, em 1806, as personagens são precipitadas “num sombrio subterrâneo”, passando posteriormente para um outro “sombrio e profundo subterrâneo destinado às provas do fogo, da água, e do ar” antes de, finalmente, acederem ao “Templo da Luz”. Será que, numa altura em que a informação existente sobre o Antigo Egípto era escassa e mítica, o libreto de “Os Mistérios de Isis” não poderá ter servido de inspiração aos irmãos Bédarriide para escreverem o Ritual do seu Rito de Misraïm ? Trata-se, contudo, de uma pergunta que só eles poderiam responder, sendo, todavia, comprovado, que nos meios maçónicos da época, lhes foram, merecida ou imerecidamente, atribuídos propósitos idênticos aos que teria tido o promotor desta ópera, e que teriam mais a ver com metais, do que com valores maçónicos.

A ter-se verificado, este “transfer” constituiria mais um exemplo de que nem a sociedade é impermeável a ideias veiculadas na maçonaria, nem esta última o é a ideias, ou modas, provenientes da sociedade.

Este sincretismo pode, ainda, ser indicado pelo facto de Alexandre Lenoir ter publicado, em 1814, o livro “La Franche-Maçonnerie rendue à sa véritable origine”, o qual marca a origem da Egiptofilia Maçónica e, onde se descrevem as iniciações no Antigo Egípto (mítico), referindo-se as purificações pelos quatro elementos e, a necessidade das cerimónias maçónicas se ajustarem aos procedimentos dos Antigos Mistérios. Ainda no que concerne à ópera de Lachnit, apesar do enorme sucesso comercial obtido, não se eximiu de ser severamente criticada nos meios musicais mais eruditos, nomeadamente por Berlioz, ou por Otto Jahn, que lhe alterou o título de “Les Mystères d’Isis” para “Les Misères d’ici”.

Em conclusão, as purificações pelos elementos, introduzidas em força e vigor na maçonaria, no primeiro quarto do séc. XIX, ganharam plena profundidade simbólica já no séc. XX, através do contributo de vários simbolistas notáveis, dos quais destaco Oswald Wirth, que incorporou muitas interpretações herméticas à simbólica tradicional maçónica do REAA. Termino, pois, com palavras suas, bem elucidativas do sentido iniciático que podemos dar a este procedimento ritual:

“Esta vida de ordem superior proporciona-se através do desenvolvimento do princípio da personalidade, dado que o ser inferior não é mais do que um autómato que reage mecanicamente sobre a ação das forças das quais é o joguete. A sua vida permanece material ou elementar porque ela resulta unicamente do conflito dos Elementos...

Mas as forças exteriores, tão potentes sejam elas, devem ser dominadas pela energia que acha a sua origem na personalidade. É porque o homem é chamado a desenvolver em si um princípio mais forte que os Elementos, que ele entra em

luta com eles no decurso das provas iniciáticas” Pessoalmente, penso que este princípio reside no Conhecimento, principal impulsionador da elevação da Condição Humana, entendendo-se o mesmo não só como sapiência, mas também e, fundamentalmente, como consciência. Cada um, contudo, dentro do seu livre-pensamento deverá encontrar a sua interpretação pessoal para o mesmo.

Só assim estaremos, realmente, a fazer Maçonaria.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ambelain Robert “Freemasonry in olden times – Ceremonies and Rituals from the Rites of Mizraïm and Memphis”, Robert Laffont, 2006;
- Dachez Roger ”Les Rites Maçonniques Égyptiens”, PUF, Paris, 2012;
- Dachez Roger e Pétillot Jean-Marc ”Le Rite Écossais Rectifié”, PUF, Paris, 2012;
- Dachez Roger ”Quatre éléments: Epreuves élémentaires ou baptêmes successifs ?”, Paris, 2013;
- Giambello Sylvain ”Les Mystères d’Isis (Lachnit, Paris, 1801)”, Paris, 2013;
- Guérillot Claude ”Les trois premiers degrés du Rite Écossais Ancien et Accepté”, Guy Trédaniel Éditeur, Paris, 2003;
- Mainguy Iréne ”La Symbolique maçonnique du troisième millénaire”, Éditions Dervy, Paris, 2006;
- Marcos Ludvic ”Histoire Illustrée du Rite Français”, Éditions Dervy, Paris, 2012;
- Négrier Patrick ”Les Symboles Maçonniques d’après leurs sources”, Éditions Télètes, Paris, 1990;
- Nöel Pierre ”Les Grades Bleus du Rite Écossais Ancien et Accepté”, Éditions Télètes, Paris, 2003;
- Ragon Jean-Marie ”Cours Philosophique et Interprétatif des Initiations Anciennes et Modernes”, Berlandier Libraire-Éditeur, Paris, 1841;
- Ragon Jean-Marie ”Tuileur Général de la FrancMaçonnerie”, Collignon Libraire-Éditeur, Paris, 1861;
- Win Jean van ”Le rituel de réception au grade d’apprenti de Mozart et ses épreuves purificatrices”, Bruxelles, 2013;
- Wirth Oswald ”La Franc-Maçonnerie rendue intelligible à ses adeptes”, Éditions Dervy, Paris, 2007;

O livro considerado o padrão de referência em história da Maçonaria.

O primeiro livro sobre a matéria, escrito com base em evidências e informações comprovadas.

Cobre a História da Maçonaria desde seus primórdios até o estado em que se encontrava na virada do século XX, tendo sido publicada em 1904.

Para comprar, clique no link abaixo



<https://clubedeautores.com.br/livro/historia-concisa-da-maconaria-2>

O Oriente Eterno

Por. Jean-Moïse Braitberg



Vista do templo de Corneloup, no Oriente, Grande Oriente de França,
Paris NGH Presse

Pedra angular da cosmogonia maçônica, o Oriente simboliza a origem de toda sabedoria e luz. Ele "dirige" o olhar do maçom para o templo, localiza-o no espaço e o acolhe além da morte. Mas, para além do simbólico, é também um espaço geográfico, literário e cultural que esconde uma proximidade espiritual com a Maçonaria através das suas ricas e fascinantes tradições iniciáticas.

No início de sua iniciação, quando é levado a refletir sobre sua escolha no gabinete de reflexão, o candidato tem diante de si a imagem de um galo, anunciando o dia no céu ainda escuro do amanhecer, representando o despertar do espírito, o novo nascimento daquele que cruzará o limiar simbólico que separa a sombra da luz, a ignorância do conhecimento, o profano do iniciado. Foi em 1773 que a Grande Loja da França criada em 1738 tornou-se oficialmente o Grande Oriente da França.

Por que essa mudança quando o termo Grande Loja era perfeitamente apropriado para a designação de uma estrutura que assegurasse a representação de todas as lojas agrupadas por uma disciplina e status comuns?

Em primeiro lugar, para marcar uma ruptura com a primeira Grande Loja, que foi abalada por inúmeras brigas, e também porque o termo Oriente se refere à luz. Mas será que é tão esclarecedor quanto parece? Uma questão de interpretação. E interpretações que às vezes se sobrepõem. Ou mesmo se contradizem. Há, é claro, o iluminismo filosófico. As da razão racional, que pretendem levantar o véu da religião para que o progresso e a liberdade iluminem livremente o mundo. Sim, mas essa religião cristã, que em sua forma católica mais severa aprisiona as luzes do espírito no calabouço obscuro do fanatismo, não vem do Oriente, onde a luz divina estava encarnada em Cristo?

E não seriam aqueles templários, cuja herança é reivindicada pela maçonaria dos altos graus, ao mesmo tempo soldados do cristianismo mais obscuro e cavaleiros que, no Oriente, teriam sido iniciados em segredos tão coruscantes que só poderiam ser comunicados a iniciados cujos olhos fossem suficientemente temperados para ver a luz divina sem serem cegos?

Na Inglaterra, onde nasceu, a maçonaria era um puro produto da Bíblia. E, portanto, da revelação que moldou a identidade profunda de um Ocidente tão "orientalizado" que o cristianismo se proclamou "o novo Israel". Em países protestantes, como Reino Unido, Alemanha e Suécia, onde a fé é afirmada pela leitura da Bíblia, os maçons originais não escaparam de um processo de identificação que os fez se identificar com os personagens das narrativas do Antigo Testamento. Assim, trabalhando em templos à imagem de Salomão, simbolicamente voltados para o Oriente como os judeus para Jerusalém e os muçulmanos para Meca, os maçons tinham o prazer de sentir que eram judeus sem serem judeus e eleitos sem serem eleitos, assim como sonhavam em ser Cavaleiros do Oriente sem terem pisado lá mais do que seus cavalos ou cascos. E mais tarde, para alguns, acreditar que eram os detentores do segredo das antigas iniciações egípcias, sem saber nada sobre o Egito a não ser os contos produzidos pela imaginação de personagens como Cagliostro, para quem a penetração dos antigos arcanos do hermetismo pouco fez para esconder a paixão pela intriga e pelo lucro.

O Oriente encantado das lojas

Foi da França, nas primeiras décadas do século XVIII, que a moda de um exotismo potencializou com cores quentes e perfumes orientais inebriantes o austero espírito protestante das lojas. Foi de fato o francês Antoine Galland, poliglota, que apresentou à Europa as Mil e Uma Noites, uma coleção de contos persas publicada na

França em vários volumes entre 1704 e 1717. Tão erudito quanto imaginativo, acrescentou com a própria mão as conhecidas aventuras de Aladdin e a Lâmpada Maravilhosa, e a de Ali Babá e os 40 Ladrões. A obra teve um impacto considerável e deu origem a várias vocações literárias orientalizantes entre alguns dos primeiros maçons franceses. Assim, Antoine-Joseph Pernéty, beneditino desequilibrado, membro da loja de Avignon dos Sectateurs de la Vérité, adepto de Swedenborg, alquimista e hermetista, fundador da seita paramaçônica dos Illuminati de Avignon, publicou em 1758 suas Fábulas Egípcias e Gregas Reveladas, obra na qual glosava a alquimia e a natureza mágica dos hieróglifos. Com espírito semelhante, foi em 1731 que o abade Jean Terrasson publicou seu romance de seis volumes Sethos, histoire, ou Vie pris des monuments, anecdotes de l'ancienne Égypte, traduzido de um manuscrito grego no qual desenvolveu de forma puramente imaginária, a história de uma iniciação aos mistérios do antigo Egito apresentada como o santuário de toda a sabedoria antiga. O Abbé Terrasson não era maçom, mas sua obra certamente foi inspirada na mitologia maçônica e teve um impacto importante entre os irmãos. O jovem Sethos empreende uma busca iniciática sob a orientação dos sumos sacerdotes egípcios. Chegando à "porta do Oriente", localizada em um poço na base da Grande Pirâmide, Sethos lê esses caracteres em letras pretas: "Todo aquele que seguir este caminho sozinho, e sem olhar para trás, será purificado pelo fogo, pela água e pelo ar, e se puder vencer o medo da morte, sairá do seio da terra, verá a luz novamente, e terá o direito de preparar sua alma para a revelação dos mistérios da grande deusa Ísis."

O libreto da Flauta Mágica do Irmão Mozart, escrito pelo Irmão Emmanuel Schikaneder é em grande parte inspirado em Sethos. Em particular o ataque a Tamino por uma cobra que abre a ópera, é uma continuação do primeiro teste que Sethos tem que enfrentar. Embora

não tenha se inspirado diretamente na obra de Abbé Terrasson, mas sim em Telêmaco de seu mestre Fénelon – a ponto de Voltaire chamá-lo de plagiador –, Andrew Ramsay, que ligou a origem da Ordem ao Oriente por intermédio dos cruzados e dos templários, escreveu um conto alegórico publicado em 1722, *As Viagens de Ciro*. A escolha de Ciro por Ramsay não foi evidentemente fortuita, uma vez que, depois de ter tido que empregar, uma vez no trono da Pérsia, "vinte anos inteiros em fazer guerra contra os assírios e seus aliados" e, finalmente, ter tomado a Babilônia, o soberano publicou em 538 a.C. seu famoso édito autorizando o retorno dos judeus exilados a Jerusalém para reconstruir o templo sob a liderança do príncipe Zorobabel, auxiliado pelo profeta Ageu e pelo sumo sacerdote Josué. Especialidade maçônica britânica, o tema da reconstrução do templo é o mito que é a fundação do grau do Arco Real, o primeiro e mais difundido dos graus laterais, os "altos graus" da maçonaria anglo-saxônica. Nesta obra, como mais tarde em seu tratado filosófico, Ramsay foi para a Pérsia, onde Ciro conheceu Zoroastro; no Egito, onde encontra o faraó; em Creta, onde conheceu Pitágoras; Na Babilônia, onde conheceu os profetas Daniel e Eleazar, bem como o imperador Nabucodonosor, o meio de enraizar na sabedoria antiga do Oriente um cristianismo "iluminado" inspirado na ideia de uma república universal, "a verdadeira pátria da raça humana", apresentada por seu mestre Fénelon.

Um Oriente pretexto

Ao mesmo tempo, a onda orientalista já havia se espalhado para a maçonaria inglesa, às vezes de forma altamente fantasiosa. "O Oriente era então sobretudo uma convenção, um espaço sagrado traçado pelos maçons, o quadro imaginário do seu trabalho, que assegurava uma mudança de cenário necessária à sua liberdade de pensamento, um lugar de sabedoria, longe de qualquer censura política ou religiosa. As divisões secu-

lares são momentaneamente esquecidas em favor de uma harmonia redescoberta [...]", escreve Cécile Révauger. É esse Oriente, pretexto para a liberdade de tom, que Montesquieu ilustra com suas Cartas Persas. Publicado em 1721 em Amsterdã anonimamente como uma troca de cartas entre dois jovens persas, Uzbeque e Rica, o livro usa a cobertura do exótico Oriente para criticar os costumes da França do século XVIII. Montesquieu só foi feito maçom na loja Horn Tavern, em Londres – a mesma de Ramsay – nove anos depois da publicação das Cartas Persas, mas o Oriente imaginário do autor se juntou ao simbolismo maçônico do Oriente. O quadro orientalizado de seu discurso permite que ele se desenvolva por trás de uma tela de tons cintilantes, da forma como os maçons transpõem a exaltação das virtudes profanas para o misterioso e colorido universo do arcano hebraico e egípcio, revisitado pela filosofia.

Em 1760, o *Citizen of the World* de Oliver Goldsmith foi publicado em Londres, inspirado no processo das Cartas Persas. O autor é maçom e o herói de seu romance é um chinês chamado Lieng Chi Altanghi que viaja pela Inglaterra e não hesita em criticar algumas de suas deficiências. A começar pela proliferação de seitas religiosas. Sua ironia é especialmente sobre aqueles que os ingleses chamam de "entusiastas", aqui sinônimo de fanáticos. À maneira de Umberto Eco em *O Nome da Rosa*, Goldsmith tem seu "turista" chinês dizendo: "Eles têm aversão ao riso... Você terá entendido que estou descrevendo a seita dos Entusiastas, que você terá comparado aos Faquires, aos brâmanes e aos talapoínos do Oriente. A verdadeira razão pela qual o entusiasta é inimigo do riso é que ele mesmo é um objeto perfeito de ridículo." De modo mais geral, o conto oriental em voga na literatura secular coincide com os contos cautelosos da literatura maçônica do século XVIII. Os sonhos, entendidos como viagens celestiais, são um tema privilegiado. Laurence Dermott, um comerciante de vinhos

irlandês radicado em Londres que afirmou que a Grande Loja da Inglaterra havia traído o espírito da maçonaria e a decretou "Moderna" para criar uma nova que chamou de "Antiga", usou o processo em seu Ahiman Rezon, uma obra com um título abstruso que alguns acreditam ser tirado do hebraico e outros do espanhol e que contém várias referências de inspiração muçulmana. Referindo-se ao Alcorão, Dermott descreve um sonho que lembra o miraj, o momento em que Maomé teria subido ao céu na companhia do anjo Gabriel. No relato de seu sonho, o irlandês diz que conheceu quatro indivíduos de língua hebraica, a menos que fosse árabe ou caldeu, que lhe disseram que tinham vindo de Jerusalém, onde haviam sido nomeados porteiros do Templo pelo próprio Salomão. Em seu sonho, Dermott é confrontado por uma figura de "barba longa" que o deslumbra e lhe revela que "a Maçonaria existe desde a Criação (embora com um nome diferente); que foi um dom divino de DEUS", que retoma assim o tema segundo o qual o Islã é a única e primeira religião da humanidade revelada desde a época de Adão, que foi seu primeiro profeta.

Ao mesmo tempo em que a Maçonaria deixava sua marca no espaço político e cultural britânico, acompanhava com interesse o progresso do poder imperial no Oriente, que aos poucos escapava das fantasias de uma literatura inclinada ao exotismo, para se tornar uma realidade geográfica e política onde era possível tocar com a mão o que até então pertencia ao reino dos sonhos e da poesia. O inglês William Jones ilustra essa passagem fazendo do orientalismo um objeto de estudo baseado na etnografia e na linguística. Em 1784 fundou a Sociedade Asiática de Bengala, uma das primeiras associações dedicadas ao estudo científico das civilizações e línguas orientais. Publicações maçônicas como *The Sentimental* e a Revista Maçônica deram ampla cobertura ao trabalho de William Jones, pois era consistente com as ideias de tolerância desen-

volidas nas Constituições de Anderson. Em sua Dissertação sobre os árabes, o linguista escreve: "Os homens sempre terão concepções diferentes de civilização; cada um a mede pelos padrões dos hábitos e preconceitos do seu próprio país; mas se a cortesia e a polidez, o amor à poesia e à eloquência, a prática das mais altas virtudes, nos permitem estimar o grau de perfeição de uma sociedade, então temos a prova de que o povo da Arábia, tanto nas planícies como nas cidades, nos estados republicanos e monárquicos, foi eminentemente civilizado muito antes de sua conquista da Pérsia". Essa visão é compartilhada pelos maçons que, ao se proibirem de falar de religião ou política na loja, afirmam que as opiniões políticas e a orientação religiosa dos irmãos são apenas uma questão de sua liberdade de consciência, desde que essa liberdade não contrarie as leis.

Ao encontro do Oriente Real

Este relativismo é um produto do deísmo, que sustenta que a crença em um princípio criativo e uma religião universal prevalece sobre o sectarismo religioso. É por isso que muito antes da França e do resto da Europa continental, as lojas inglesas concordaram muito cedo em iniciar judeus, maometanos e hindus. Essa abordagem foi, de fato, integrada ao processo imperial britânico e, ao longo do século XIX, ao processo colonial francês.

Na Argélia, sob o regime militar após a conquista de 1830, os oficiais, alguns dos quais eram maçons com espírito Saint-Simoniano, tentaram justapor seu romantismo orientalista com a realidade de um povo dominado que esperavam encantar ao se interessar por seus costumes. As pessoas gostam de viver em tendas, criam os corpos dos Spahis e dos Zouaves vestidos com calças de harém e usam a chechia, e às vezes se convertem ao Islã para se casar com belos nativos. Mas as lojas argelinas que se formarão na

segunda metade do século nos círculos europeus passarão gradualmente do fascínio orientalizante e da curiosidade benevolente ao apoio sem reservas à colonização e à missão civilizatória da França. Alguns maçons eram assimilacionistas, como o irmão César Bertholon, venerável da Loja Belisário de Argel. Em 1868, ele escreveu por ocasião de um inquérito sobre a situação da agricultura argelina: "O bom senso, a equidade, a boa ordem, o respeito pela dignidade nacional impõem a lei francesa a todos aqueles que habitam a Argélia [...] sem distinção de cultos ou raças. ». Se, ao final do decreto promulgado pelo irmão Adolphe Crémieux em 1870, os "judeus nativos" se tornassem com sucesso "israelitas franceses", sua "desorientalização" despertaria tanto o ressentimento da população muçulmana, que havia sido deixada para trás, quanto o ódio de uma parte dos europeus, incluindo as lojas, que não suportavam ver os judeus passarem do status de colonizados para o de iguais e, portanto, concorrentes.

As fortunas e desgraças da maçonaria no Oriente real

No entanto, se no espaço muçulmano do norte da África a maçonaria serviu como auxiliar da dominação colonial e não da confraternização e do respeito recíproco entre culturas, ela foi acolhida muito cedo no Império Otomano. Já em 1748 havia em Esmirna uma loja dependente da Grande Loja da Escócia, cujo venerável era o cônsul britânico. Em 1762 havia lojas nas principais cidades do império. Várias delas estavam ligadas à Loja Mãe Escocesa de Marselha. Há vários cidadãos europeus e nativos, mas estes são cristãos orientais gregos e armênios ou judeus. Os primeiros maçons muçulmanos só foram admitidos em 1850. Mas antes disso, a vida da Ordem Maçônica no país otomano não era fácil. A bula papal de 1738 condenando a maçonaria foi estritamente aplicada a pedido do clero, católico, ortodoxo e armênio. As lojas foram

fechadas e um maçom muçulmano chegou a ser executado em 1785. Não foi até meados do século XIX que uma loja oriental da Grande Loja Unida da Inglaterra foi reativada em Constantinopla, seguida por lojas italianas e francesas que foram as primeiras a iniciar muçulmanos. A União do Oriente e Proodos – progresso em grego – ambas do Grande Oriente da França, foram as mais ativas neste campo em um momento em que a Turquia vivia uma evolução liberal. O advogado francês Louis Amiable, conhecido por ter reformado o rito francês do Grande Oriente em um sentido adogmático e positivista, foi então colocado em Constantinopla como consultor jurídico do sultão. Ele providenciou a tradução dos rituais para o turco e encorajou fortemente as elites liberais do país a se juntarem às lojas. Tanto que a União do Oriente, que tinha apenas três muçulmanos em 1865, tinha quatro anos depois cinquenta e três dos cento e quarenta e três membros. Em 1876, a loja Proodos chegou a iniciar o sultão liberal Murad V, apelidado de "sultão maçom". As lojas italianas, onde muitos dos apoiadores de Garibaldi podiam ser encontrados, não deveriam ser superadas. Uma delas, Orhania, no oriente de Esmirna, foi a primeira a adotar a língua turca, em 1868. No entanto, a tomada conservadora empreendida em 1878 pelo sultão Abdülhamid II pôs fim à turcificação das lojas, que viriam a experimentar um longo período de dormência. Isso só terminará sob o impulso do movimento Jovem Turco, muitos pertencentes às lojas italianas de Salônica e outros, depois de terem sido treinados em Paris na escola do Grande Oriente da França dentro do comitê "União e Progresso". O Grande Oriente Otomano, criado em 1909, rapidamente se tornou o centro do poder político sob o governo do Jovem Turco e recrutou tanto na parte grega do ainda Império Otomano quanto em todo o Oriente Médio árabe. Mas divididos entre liberais seculares e conservadores religiosos, os maçons turcos se dividiram. Ao mesmo tempo, o Estado Jovem Turco assumiu

uma forma despótica e nacionalista, culminando em 1915 com o horror do genocídio na Armênia em 1923. A chegada ao poder de Mustafa Kemal, que recuperou seu país da derrota de 1918 e o libertou da ocupação estrangeira, recebeu o apoio do que restava dos seculares e moderados Jovens Turcos. Até 1935, sessenta e cinco lojas do Grande Oriente Otomano foram criadas, principalmente em Constantinopla, que se tornou Istambul, e em Esmirna, que se tornou Izmir. Muçulmanos, judeus e cristãos, recrutados nas esferas mais ocidentalizadas do país, conviviam em harmonia. No entanto, em seu desejo nacionalista de unir o país e secularizá-lo em marcha forçada, modernizando-o, o homem conhecido como Atatürk – o pai dos turcos – estabeleceu um regime de partido único e decidiu fechar as lojas, algumas das quais continuaram a trabalhar na clandestinidade e ressurgiram na década de 1950 com a criação do Grande Oriente da Turquia, que se tornou a Grande Loja dos Maçons Antigos e Aceitos da Turquia.

Uma tradição iniciática oriental específica

A peculiaridade da maçonaria turca, a mais antiga e mais bem estabelecida na terra do Islã, é que ela sempre foi capaz de administrar de forma mais ou menos equilibrada a contribuição filosófica da maçonaria ocidental e as características particulares de um Oriente onde a religião e a crença em Deus determinam identidades. É por isso que as lojas turcas, mesmo as mais próximas do Grande Oriente da França, nunca abandonaram o princípio da crença em Deus. Assim, um dos grandes mestres da obediência, o pensador Riza Tevfik, que também foi primeiro-ministro da Turquia, afirmou no início do século XX que "quem não acredita em um poder criador não pode ser maçom". Por esta razão, os livros sagrados muçulmanos, judeus e cristãos permanecem abertos durante os trabalhos. Mas a grande originalidade desta Maçonaria é ter podido en-

contrar, particularmente na tradução dos rituais, correspondências com as tradições iniciáticas e de fraternidade do Oriente. A descrição da iniciação de um aprendiz numa futuwwa, uma irmandade de guilda árabe na Síria, mostra que ele recebe um cordão e uma senha durante uma cerimônia que termina com um banquete. Nas irmandades sufistas, uma iniciação progressiva é praticada em quatro graus. Cada iniciado usa um hábito particular de acordo com sua posição. Ele usa um arnês e adota um nome secreto. "Os tradutores otomanos, para reproduzir com precisão certos termos maçônicos, recorreram à linguagem do misticismo islâmico (sufismo), à das ordens místicas e do corporativismo muçulmano (futuwwa, lonca), convencidos de que estavam confrontados com o modelo ocidental de sua forma de sociabilidade fraterna", escreve o pesquisador e historiador Thierry Zarcone, especialista em espiritualidades do mundo islâmico. Já no século 19, os membros do tarikat, as irmandades sufistas, foram conquistados pelas ideias do Iluminismo europeu, a fim de encontrar uma maneira esclarecedora de alcançar reformas políticas e sociais de acordo com os princípios do Islã. Deste ponto de vista, os maçons eram considerados como os sufis do Ocidente, e a maçonaria era considerada como uma tarikat. E é o vocabulário da guilda muçulmana que tem sido usado para traduzir os termos maçônicos da maneira mais fiel. Deve-se notar também que há muitas semelhanças, tanto filosófica quanto simbolicamente, entre as irmandades sufistas e a maçonaria. São principalmente os membros das irmandades Bektashi, um movimento sufista relacionado ao xiismo, presente na Turquia, Albânia e Macedônia do Norte, que foram para a maçonaria. Os drusos, que constituem tanto um grupo étnico quanto uma corrente espiritual, presentes no Líbano, na Síria e em Israel, professam uma doutrina esotérica entregue por iniciação na qual Gérard de Nerval, em sua Viagem ao Oriente, queria ver uma "Maçonaria do Oriente". Mas, apesar desse passado rico, a

Maçonaria na terra do Oriente nunca conseguiu realmente alcançar a mistura cultural que lhe permitiria ser o centro da União entre o Oriente sonhada pelos maçons e o Oriente real. Mesmo na Turquia, no Líbano e em Marrocos, onde é tolerada, a maçonaria, que é discreta, hoje diz respeito apenas a um círculo ocidentalizado muito pequeno. Mais estabelecido nos meios econômicos do que políticos, tem o cuidado de não intervir no debate público. Especialmente porque o Oriente muçulmano conservador sempre considerou a maçonaria como o cavalo de Tróia do cristianismo e, desde o século XX, como um instrumento da conspiração sionista judaico-maçônica. Somente em Israel ainda podemos encontrar vestígios de uma maçonaria plural, multiconfessional, distante dos dogmas religiosos, como as lojas da Palestina no século XIX e início do século XX. E isso, mesmo que a maçonaria israelense, que geralmente está perdendo força, viva no vácuo, tentando da melhor forma possível cultivar valores universais que estão a mil quilômetros de distância das preocupações de um país cada vez mais focado em sua segurança, onde uma parte crescente da opinião pública é conquistada pelo fanatismo nacional-religioso.

A Maçonaria foi formada a partir de mitos do Oriente, por vezes reduzidos ao folclore infantil como entre os shriners americanos, mas nunca conseguiu alcançar uma verdadeira síntese entre um Oriente e um Ocidente que não pode mais misturar-se do que petróleo e água. E, por mais exótica que seja, está mais do que nunca confrontada com o dilema que opõe seu ideal de universalidade à ascensão irreprimível das retiradas identitárias.

O Oriente Eterno, a última iniciação

Entre os maçons, para quem "tudo é simbólico", a morte é descrita como uma passagem para o Oriente eterno. Assim passamos ao mesmo

tempo em que morremos. Isso lembra a antiga travessia do Estige, onde é preciso pagar com seu ego pelo direito de ir e descansar para sempre na outra margem. Viajando do Ocidente para o Oriente, o maçom, no final de uma corrida oposta à do sol, supõe-se, ao deixar este mundo, passar pela iniciação final que transforma o homem de carne em um fragmento de luz condenado a ser apagado como a chama de uma vela quando ninguém se lembra dele novamente. Inventado para dar um nome ao que não pode ser desrito, o Oriente Eterno deixa a imaginação livre para brincar se quiser para o leste do Éden dos primórdios e talvez para descobrir uma passagem secreta para um novo ciclo.

Bektashi e Druso, dois esoterismos para o islamismo heterodoxo

Bektashismo é uma ordem religiosa esotérica do movimento sufista, considerada um ramo do xiismo. Foi fundada na Turquia por Haci Bektas Veli, um místico e filósofo do século XIII que desempenhou um papel importante na disseminação do Islã na Anatólia e nos Balcãs. O semah, uma cerimônia religiosa dos Bektashi, é classificado como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO. Uma das peculiaridades do bektachismo é o sigilo de suas reuniões. A entrada na ordem envolve uma verdadeira cerimônia de iniciação com morte simulada e renascimento à imagem de exaltação ao posto de mestre. Tradicionalmente, era o Grão-Mestre da Ordem que apresentava a espada atribuída a Maomé ao sultão em cada investidura. E os janízaros que formavam sua guarda eram todos Bektashi. A peculiaridade do Bektashi Islam é que ele considera que o Alcorão tem um significado visível e um significado hermético e que o texto sagrado é aberto à interpretação. Isso foi rejeitado por Hassan El Bana, o fundador egípcio da Irmandade Muçulmana em 1929, que, enquanto se inspirava nas classes hierárquicas da irmandade Bektashi, declarou-se a favor de uma

aceitação literal do Corão. Os Bektashi, relacionados aos Alevis, representam hoje de 10 a 15% do Islã turco, mas não são reconhecidos pelas autoridades e considerados por salafistas e fundamentalistas sunitas como heresia. Os drusos no Líbano, na Síria e em Israel são ao mesmo tempo uma religião, uma ordem iniciática e um povo. Seus rituais levaram Gérard de Nerval a chamá-los de "maçons do Oriente". Eles são parcialmente inspirados pelo misticismo muçulmano e pelo pensamento corânico, mas são distanciados deles por elementos das religiões da Pérsia e da Índia, bem como das contribuições pitagóricas, neoplatônicas e gnósticas. Eles acreditam na unidade do mundo e de Deus, mas também na metempsicose. Sua prática é baseada em uma ordem altamente hierárquica e cerimônias de natureza estritamente secreta.

The Shriners, uma farsa orientalista para maçons de caridade

O Santuário, também conhecido como a Antiga Ordem Árabe dos Nobres do Santuário Místico, é uma organização paramaçônica americana fundada no final do século 19 pelo médico Walter M. Fleming e pelo ator William Jermyn Florence. Antes reservada apenas para o dia 32 do Rito de York, a Ordem agora está aberta a mestres e presente nos países onde esse rito é representado. Oscilando entre uma organização de caridade muito ativa, bufonaria orientalizante e esoterismo lixo, os Shriners se referem a uma suposta origem árabe que remonta aos primórdios do Islã, enquanto afirmam fazer uma distinção entre a "impostura religiosa" de Maomé e as verdades do Corão. Mas, na realidade, os Shriners que vestem roupas excêntricas inspiradas em uma opereta do Oriente são bons protestantes ou céticos que encontram uma maneira de zombar do controle religioso sobre a sociedade americana. A iniciação do Shriner é um exercício de alta bufonaria. O candidato é encharcado com água quente e diz que é urina de cachorro. Ele é

convidado a urinar na sala para "renunciar ao mundo profano", mas é preso quando é ingênuo o suficiente para querer cumprir... Originalmente uma expressão da sociabilidade masculina e branca, o Santuário ao longo do tempo se expandiu para incluir afro-americanos, alguns dos quais levaram a sério as referências ao Islã e estiveram na origem do movimento do Templo dos Mouros, uma mistura de Islã e esoterismo popular que inspirou parcialmente o movimento muçulmano negro. Há também várias sociedades femininas derivadas dos Shriners, como as Filhas do Nilo, as Filhas de Ísis e a Estrela do Oriente. Todas as Sociedades Shriners são muito ativas na frente de caridade e financiam vários hospitais que atendem principalmente crianças.

No Oriente como no Ocidente, a Maçonaria é "o instrumento dos judeus"

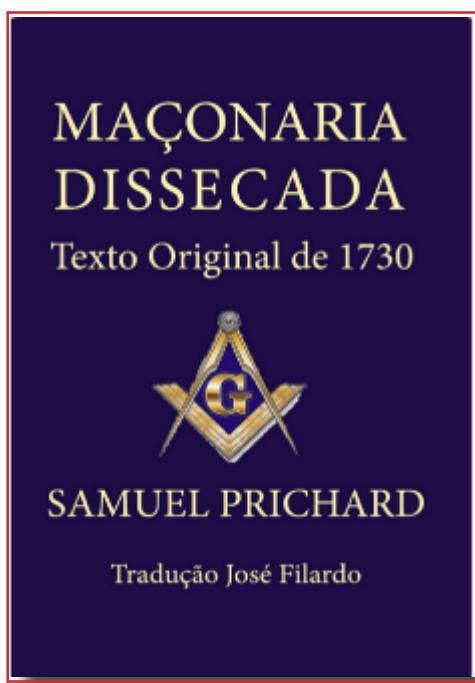
Inesperadamente, o antimaçonismo do Oriente muçulmano se alimenta das fantasias anti-maçônicas do Ocidente cristão, e os Protocolos dos Sábios de Sião são amplamente divulgados. "Os fundadores da maçonaria na Europa são cristãos e judeus. Os judeus são os governantes [...] Eles se beneficiaram das conquistas da Maçonaria... Seu objetivo é mudar o governo e eliminar a autoridade religiosa. Estas são as linhas de uma fatwa emitida em 1911 por Rashid Rida, um pensador nacionalista sírio, inimigo do sufismo e precursor da Irmandade Muçulmana. Em 1978, o Instituto de Direito Islâmico de Meca condenou formalmente a maçonaria porque, além de anti-islâmica, "é uma instituição judaica e sionista que glorifica o judaísmo e difama o cristianismo e o islamismo; é um perigo particular para os muçulmanos". O estatuto do Hamas retomou os termos desta condenação, à qual associa o Rotary e o Lion's. Em setembro de 1978, numa época em que o apoio da URSS ao mundo árabe estava no auge, juntamente com o antisemitismo, o jornal da Juventude

Comunista Komsomolskaya Pravda publicou um artigo virulento que afirmava: "A administração Cafer representa o maior espaço onde judeus e maçons estão escondidos... ». Lendo o que está sendo escrito nas redes sociais sobre os trágicos desdobramentos do conflito israelense-palestino, esse tipo de consideração ainda é colocado nos círculos "progressistas".

Uma ópera maçônica inglesa inspirada no Oriente

Em 1722, 61 anos antes de A Flauta Encantada, a primeira ópera maçônica foi apresentada em Londres sob o título The Generous Freemason and the Constant Lady (O Maçom generoso e sua dama fiel). A obra, escrita pelo irmão William Rufus Chetwood, foi um enorme sucesso e foi produzida em vários teatros de Londres por

quase 20 anos. Contava a história de um casal, Sebastião e sua noiva Maria, que, para escapar de um casamento forçado planejado por seus pais, parte para o mar com seu amante. Mas seu navio é atacado por piratas bárbaros e os dois amantes se encontram presos em Túnis, onde o rei Mirza se apaixona por Maria e a rainha tem uma queda por Sebastian. Mas, em vez de resolver o problema com um bom balanço, o rei decide condenar os dois pombinhos à morte. É então que, por uma daquelas inversões a que o teatro está habituado, Sebastião, no momento de ser decapitado com um golpe de espada, faz o sinal de aflição em que Mirza reconhece o sinal que reúne corações tão iluminados quanto generosos. Os dois irmãos caem nos braços um do outro e a história termina com o retorno a Londres, onde Mirza, apresentado aos irmãos da Grande Loja, se maravilha com a magnificência da ordem.



Maçonaria Dissecada de Samuel Prichard foi uma das mais importantes Divulgações, ou Revelações publicadas na Inglaterra no Século XVIII, logo após a consolidação da Grande Loja de Londres fundada em 1717.

Atualmente, essa obra é de suma importância para o pesquisador de Maçonaria, porque é a principal divulgação de um sistema de três graus, inclusive o grau de Mestre que somente foi adotado pelos Modernos depois de 1738 e a Lenda de Hiram.

Clique no link para comprar

<https://clubedeauteores.com.br/livro/maconaria-dissecada-2>

A Lenda dos Quatro Santos Coroados

Tradução J. Filardo

(Baseada no Manuscrito Arundel – Publicada no AQC Vol 1 – p 60)



Aqui começa a paixão dos Santos Mártires Cláudio, Nicóstrato, Sinfronio, Castório e Simplício[i], aos VI dias dos idos de Novembro.

Nos dias em que Diocleciano foi à Panômia, onde ele devia estar presente na coleta de vários metais das montanhas, aconteceu que, quando ele se reuniu com os trabalhadores de metal, ele encontrou entre eles alguns homens, por nome Cláudio, Castório, Sinfronio e Nicóstrato, dotado de grande habilidade artística — trabalhadores maravilhosos na arte da escultura. Eles eram cristãos em segredo, guardavam os mandamentos de Deus, e qualquer trabalho que eles fizessem na arte da escultura, eles o faziam em nome de nosso Senhor Jesus Cristo.

Isso aconteceu em um determinado dia, quando Diocleciano estava dando ordens aos trabalhadores de esculpir uma imagem do sol, com sua carruagem, cavalos e tudo a partir de uma única pedra, que, naquela época todos os trabalhadores deliberando com os filósofos começaram a lustrar sua conversa sobre esta arte; e quando eles tinham chegado a uma enorme pedra do metal de Thasos, sua arte de escultura não tinha utilidade, de acordo com o comando de Diocleciano Augusto.

E por muitos dias, houve uma disputa entre os operários e os filósofos. Mas em um determinado dia, todos os trabalhadores reuniram-se em um só lugar, setecentos e vinte e dois, com os cinco filósofos, à superfície da pedra e começaram a examinar os veios da pedra, e houve um efeito maravilhoso entre os trabalhadores e os filósofos. Ao mesmo tempo Sinfrônio, confiando na fé que ele tinha, disse ao seus companheiros: Peço-vos, a todos, que confiem em mim, e eu descobrirei, com meus discípulos, Cláudio, Simplício, Nicóstrato e Castório. E, examinando as veias do metal, eles começaram sua arte da escultura em nome de nosso Senhor Jesus Cristo. E seu trabalho teve sucesso, de acordo com os comandos de Augusto.

Ao mesmo tempo, Diocleciano Augusto se deliciava com a arte e tomado com um amor excessivo por ela, deu ordens que colunas ou capitéis das colunas, deveriam ser cortados do pórfiro pelos operários. Ele chamou Cláudio, Sinfrônio, Nicóstrato, Castório e Simplício e, recebendo-os com alegria, disse-lhes: Eu desejo que os capitéis das colunas possam ser talhados do pórfiro. E por sua ordem, partiram com a multidão de operários e os filósofos, e quando eles chegaram à montanha de pórfiro, que é chamada ardente, eles começaram a cortar a pedra em quarenta e um pés.

Cláudio fazia tudo em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, e sua arte lhe servia em boas condições. Mas Simplício, que era um gentio, tudo o que ele fazia era inútil. Mas, certo dia, Nicostratus disse a Simplício: Meu irmão, como é que sua ferramenta se quebrou? Simplício disse: Peço que você a tempere para mim, para que ela não se quebre. Cláudio respondeu e disse: Dá-me todos os utensílios de sua arte. E quando ele lhe havia dado suas ferramentas de escultura, Cláudio disse: Em nome do Senhor Jesus Cristo que este ferro seja forte e apto para trabalhar. E a partir daquela hora Simplício começou sua escultura com sua própria ferramenta, como Sinfrônio, bem e corretamente.

E assim, eles se esforçaram para esculpir objetos de variada obra de talha e sua arte os serviu adequadamente, no plano de quem nada fazia senão pela habilidade da arte da filosofia, mas realizava um trabalho requintado em nome de Cristo. Quando os filósofos viram isso, fizeram uma sugestão a Diocleciano Augusto, dizendo: Poderoso Príncipe, adorno dessa época, grande é a sagacidade de seu comando e a clemência neste trabalho de escultura da montanha, que a pedra preciosa deve ser talhada para o adorno maravilhoso do seu Reino; e muitas belas obras foram feitas em metal das colunas e com o trabalho maravilhoso de sua Alteza. Diocleciano Augusto disse: Estou verdadeiramente encantado com a habilidade desses homens. E ele determinou que todos os cinco fossem trazidos à sua presença, a quem, em sua alegria ele falou: Pelo poder dos deuses, vou elevar vocês com riquezas e presentes; apenas esculpam, primeiro, imagens desta montanha de pórfiro. E ele pediu que fizessem imagens de Vitória, Cupidos e mais conchas, mas especialmente uma imagem de – Esculápio.

E eles esculpiram conchas, vitórias e cupidos, mas não fizeram uma imagem de Esculápio. E depois de alguns dias eles ofereceram o seu trabalho de imagens com sua ornamentação variada. Diocleciano Augusto estava igualmente satisfeito com a sua habilidade no trabalho de cantaria. Ele disse a Cláudio, Sinfrônio, Nicóstrato, Castório e Simplício: Alegro-me muito na habilidade da sua arte, no entanto, por que vocês não mostraram seu amor esculpindo uma imagem de Esculápio, o deus da saúde? Agora vão em paz e deem sua atenção a esta imagem e esculpam leões derramando água e águias e veados e semelhantes de muitas nações.

Então, eles foram embora e fizeram de acordo com seus costumes e realizaram todo o trabalho, exceto a imagem de Esculápio.

Mas depois de alguns meses, os filósofos sugeriram a Diocleciano Augusto que ele deveria ver o trabalho dos operários. E ele ordenou que tudo fosse trazido a um lugar público; e quando eles trouxeram, a imagem de Esculápio que Diocleciano Augusto tinha ordenado não foi exibida, e quando ele, em seu desejo excessivo a exigiu, os filósofos fizeram uma sugestão a Diocleciano Augusto, dizendo: Glorioso e augusto César, que ama todos homens e a arte, e um amigo da paz, deixe sua clemência saber que estes homens a quem você ama são cristãos e realizam tudo o que lhe é ordenado em nome de Cristo. Diocleciano Augusto respondeu e disse: Se é sabido que todas as suas obras são magníficas pelo nome de Cristo, não é uma questão de reprovação, mas sim de admiração. Os filósofos responderam e disseram: Não sabeis, altíssimo imperador, que eles não obedecem aos seus gentis comandos devido a um conhecimento repreensível e portanto não exibiriam o esplendor da sua arte na construção de uma imagem do Deus Esculápio. Diocleciano Augusto disse: Tragam estes homens à minha presença.

E quando Cláudio, Sinfrônio, Castório, Nicóstrato e Simplício tinham sido convocados, Diocleciano Augusto lhes disse: Sabeis com que carinho e favor nossa graça os ama, e como eu vos incentivei com uma consideração amorosa? Por que não obedeceis nossos comandos de que deveis esculpir uma imagem do deus Esculápio em pórfiro? Cláudio respondeu: Generosíssimo Augusto, nós obedecemos vossa graça e fomos subordinados ao seu poder, mas uma imagem daquele mais miserável homem nós jamais faremos, pois está escrito, “aqueles que a fizerem são como eles, e assim são todos aqueles que depositam sua confiança neles.”

Então, os filósofos ficaram enfurecidos contra eles, dizendo a Diocleciano: Reverendíssimo Augusto, vê a sua perfídia, como eles respondem a vossa graça com palavras arrogantes. Diocleciano Augusto disse: Artífices qualificados não devem ser odiados, mas, ao invés, honrados. Mas os filósofos disseram: Portanto fazei com que eles obedeçam vosso comando ou encontramos outros fazer de acordo com vossos desejos. Diocleciano Augusto disse: Homens mais habilidosos nesta arte podem ser encontrados? Os filósofos disseram: Nós procuramos homens suportados pelo amor dos deuses. Diocleciano Augusto diz: Se vocês obtiveram homens para realizar a imagem do deus Esculápio deste metal (e ele os constrange com a punição de sacrilégio), eles também serão grandes através de nossa generosidade.

Então, os filósofos começaram a discutir com Cláudio, Sinfrônio, Nicóstrato, Castório e Simplício, dizendo: Por que vocês não obedecem aos comandos do nosso venerabilíssimo mestre e fazem a sua vontade? Cláudio respondeu e disse: Não blasfemamos contra nosso Criador e nos confundimos, para que não sejamos considerados culpados aos seus olhos. Os filósofos disseram: É evidente vocês são cristãos? Castório disse: Verdadeiramente, somos cristãos.

Então, os filósofos escolheram outros trabalhadores em cantaria e eles esculpiram Esculápio diante de seus olhos. E quando eles viram a imagem do mármore Preconisso e a trouxeram aos filósofos, depois de trinta e um dias os filósofos anunciaram a Diocleciano Augusto que a imagem de

Esculápio estava terminada.

E Diocleciano ordenou que a imagem lhe fosse apresentada. E ele maravilhou-se e disse: Este é o gênio dos homens que nos agradaram com sua arte da escultura. Os filósofos disseram: Sacratíssimo e sempre augusto príncipe, seja conhecido por vossa clemência que estes homens quem vossa graça declara ser os mais hábeis na arte da cantaria, ou seja, Cláudio, Sinfrônio, Nicóstrato, Castório e Simplício são hereges cristãos, e pelos encantos de encantamentos, toda a raça humana se humilhada para eles. Diocleciano disse: Se eles não obedecem aos comandos da justiça, e a palavra de sua acusação é verdadeira, falam com que suportem o julgamento do herege.

E ele ordenou a um certo tribuno de nome Lampadius, que os ouvisse, juntamente com os filósofos, com palavras temperadas, dizendo: Julgai-nos com um exame justo. E em quem for descoberta denúncia de falso testemunho, deixai-os ser ferido com a punição da culpa.

Ao mesmo tempo, Lampadius, o tribuno, ordenou que um tribunal fosse preparado no mesmo lugar, diante do templo do Sol e fossem reunidos todos os trabalhadores, Sinfrônio, Cláudio, Nicóstrato, Castório Simplício e os filósofos. A quem, publicamente e com uma voz forte, Lampadius, o tribuno, disse: Nossos reverendíssimos senhores e príncipes deram este comando, para que a verdade entre os filósofos e mestres, Cláudio, Sinfrônio, Castório, Nicóstrato e Simplício possa tornar-se conhecida, e esteja claro se esta acusação é verdadeira.

Então, todos os trabalhadores, instruídos pelos filósofos através de inveja, gritaram: Pela segurança de nosso reverendíssimo César, fora com os hereges, fora com os Magos. Mas, Lampadius, o tribuno, vendo que os trabalhadores estavam clamando devido à inveja, disse: O julgamento ainda não está concluído; como posso dar uma sentença. Os filósofos disseram: Se eles não são magos, deixe-os adorar a deus de César. Imediatamente, Lampadius, o tribuno, ordenou que Sinfrônio, Cláudio, Castório, Nicóstrato e Simplício adorassem o Deus Sol e assim destruíssem o propósito dos filósofos. Eles, respondendo, disseram: Nunca adoramos o trabalho de nossas mãos, mas adoramos o Deus do céu e da terra, que é o eterno soberano e eterno Deus, o Senhor Jesus Cristo. Os filósofos disseram: Assim, tu aprendeste a verdade. Diga-a a Cesar. Então Lampadius, o tribuno, ordenou que eles fossem arrastados para a prisão comum.

Mas, depois de nove dias, a tranquilidade tendo sido restaurada, eles levaram o assunto a Diocleciano Augusto; no mesmo dia, também, os filósofos os acusaram, por inveja, ao Príncipe, dizendo: Se estes homens escaparem, o culto aos deuses está destruído. Diocleciano Augusto, irado, disse; Pelo próprio sol, mas se eles não sacrificarem ao Deus Sol de acordo com o costume e não obedecer às minhas instruções, eu os consumirei com várias torturas requintadas.*

Então, Lampadius levantou-se do seu lugar de julgamento, considerando o comando de Diocleciano e novamente levou o assunto a Diocleciano Augusto. Então, Diocleciano Augusto, considerando a arte deles, ordenou a Lampadius, o tribuno, dizendo: A partir de agora, se eles não sacrificarem e consentirem em adorar o Deus Sol, flagelos com o açoite. Mas se eles consentirem, traga-os à nossa graça.

Mas, depois de cinco dias, ele novamente sentou-se no mesmo lugar em frente ao templo do Sol e ordenou que fossem conduzidos pela voz do arauto. E mostrou-lhes os terrores e os diferentes tipos de tortura. A quem Lampadius falou assim, dizendo: Escutem-me e escapem da tortura, sejam caros e amigos de nobres e príncipes e sacrificuem ao Deus Sol. Porque agora devo falar a vocês em palavras suaves. Cláudio respondeu, com seus companheiros, com grande confiança: Não tememos terrores, nem é nosso objetivo sermos quebrados por palavras suaves, mas tememos os tormentos eternos. Assim, faça Diocleciano Augusto saber que somos cristãos e que nunca abandonaremos Seu culto.

Lampadius, o tribuno, enfurecida, ordenou que fossem despidos e açoitados, por proclamação do arauto, dizendo: Não desprezem os comandos dos nossos príncipes.

Naquela mesma hora, Lampadius, o tribuno, foi tomado por um espírito maligno e rasgando suas roupas, expirou sentado em sua cadeira. Quando sua esposa e família ouviram isso, eles correram até os filósofos com grande pranto, para que isso fosse informado a Diocleciano Augusto. Quando Diocleciano Augusto ouviu isso, ficou violentamente furioso e disse com fúria excessiva: Que sejam feitos caixões de chumbo, sejam eles encerrados vivos dentro deles e lançados no rio.

Então, Nicetius, um certo cidadão, que se sentava ao lado de Lampadius executou a ordem de Diocleciano Augusto e fez caixões de chumbo e encerrou-os todos, vivos, neles e ordenou que fossem lançados no rio. Mas o santo Quirillus, o Bispo, quando ouviu falar sobre isso na prisão, ficou profundamente entristecido e passou ao Senhor, os quais sofreram no sexto dia dos idos de novembro.

Naqueles mesmos dias Diocleciano Augusto partiu dali para Syrme. Mas depois de quarenta e dois dias, um certo Nicodemos, um cristão, levantou os caixões com os corpos dos Santos e os colocou em sua própria casa. Mas, Diocleciano Augusto vindo de Syrme, depois de onze meses entrou em Roma e imediatamente ordenou que um templo de Esculápio fosse construído nos banhos de Trajano, e uma imagem fosse feita a partir da pedra quadrada de preconisso.

Quando isto tinha sido feito, ele ordenou que todos os soldados que viessem até a imagem de Esculápio fossem obrigados a oferecer incenso com sacrifícios, especialmente a milícia da cidade. E quando todos foram obrigados a sacrificar, certos quatro oficiais corniculários de ala foram obrigados, mas quando eles resistiram, isso foi comunicado a Diocleciano Augusto. E ele então ordenou que fossem condenados à morte diante da própria imagem a golpes de plumbata.[ii] E quando eles foram espancados por um longo tempo, eles entregaram os espíritos, cujos corpos Diocleciano ordenou fossem lançados na rua para os cães. E seus corpos lá permaneceram por cinco dias.

Então, o abençoados Sebastião, com o santo Bispo Melchiades, recolheram seus corpos durante a noite e os enterraram na estrada para Lavica, a três milhas da cidade, com os outros homens santos no cemitério. Embora isso tivesse acontecido ao mesmo tempo, ou seja, no dia 6 dos idos de novembro, mas dois anos mais tarde: e seus nomes puderam ser encontrados com dificuldade. O abençoados Melchiades, o Bispo, ordenou que seus aniversários devessem ser observados sob os nomes de Santos Mártires, Cláudio, Nicôstrato, Sinfrônio, Simplício e Castório, nosso Senhor Jesus Cristo reinando, que com o Pai e o Santo Espírito vive e reina, Deus através de toda a eternidade. Amém.

A Cabala Cristã

Tradução J. Filardo

Por Peter J. Forshaw



Gershom Scholem argumenta que a principal motivação para os cabalistas cristãos era uma forma de atividade missionária: “A Cabala Cristã pode ser definida como a interpretação de textos cabalísticos no interesse do Cristianismo (ou, para ser mais preciso, do Catolicismo); ou o uso de conceitos e metodologia cabalísticos em apoio ao dogma cristão”.[1] Como evidência, ele aponta para as especulações cristológicas de judeus convertidos, como o Pugio Fidei (Adaga da Fé) de Raymund Martini (1220-1285), obras que contribuíram para o crescimento de uma incipiente Cabala cristã.[2]

Giovanni Pico della Mirandola e o Amanhecer da Cabala Cristã

Embora o místico maiorquino Ramon Lull (1225-1315) seja às vezes creditado como o primeiro cristão a mostrar um conhecimento da Cabala em seu *De auditu Kabbalistico*, o trabalho na verdade mostra pouca familiaridade com a tradição judaica. A especulação cristã sobre a Cabala se enraizou pela primeira vez no Renascimento florentino. Enquanto Marsilio Ficino (1433-1499) estava ocupado traduzindo e escrevendo comentários sobre as obras de

Platão, Plotino e Hermes Trismegisto, Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494) começava a estudar obras cabalísticas. Tudo isso fazia parte do projeto de Pico de criar sua *philosophia nova* sincrética, sua síntese do pensamento aristotélico e platônico com doutrinas esotéricas colhidas de prisci theologi como Zoroastro, Orfeu, Hermes Trismegisto e Pitágoras. Pico é o primeiro autor criado como cristão que é conhecido por ter lido uma quantidade impressionante de Cabala judaica genuína. Ele marca um divisor de águas na história dos estudos hebraicos na Europa.[3]

O fruto dos estudos de Pico pode ser melhor encontrado em suas famosas novecentas *Conclusiones Philosophicæ Cabalisticæ et Theologicæ* (1486). Foi aqui que Pico introduziu pela primeira vez a Cabala na corrente principal do pensamento renascentista por meio de quarenta e sete “conclusões cabalísticas” de acordo com “o ensino secreto dos sábios cabalistas hebreus” e setenta e duas “conclusões cabalísticas de acordo com minha própria opinião”, com outras referências cabalísticas em outros grupos de “Conclusões”, incluindo aquelas sobre magia, Mercúrio Trismegisto, Zoroastro e os hinos órficos. [4]

As duas maiores influências cabalísticas de Pico foram o cabalista espanhol Abraham Abulafia (1240–ca. 1291) e o rabino italiano Menahem Recanati (1250–1310). Esses homens representam dois tipos bem diferentes de Cabalá, um extático, o outro teosófico-teúrgico. Recanati está principalmente preocupado com as dez sefirot como emanações divinas e se engaja em uma exegese simbólica das Escrituras como forma de desvendar seus mistérios. Por outro lado, Abulafia, o pai da Cabala profética, tende a minimizar a importância das sefirot e se concentra nos nomes (shemot) de Deus e suas permutações como uma disciplina espiritual pela qual o homem pode alcançar a união com o divino.^[5] Embora não seja detalhado nem sistemático em sua discussão, por exemplo, das sefirot, caminhos da sabedoria e portões do entendimento, Pico, no entanto, mostra uma consciência desses ensinamentos e entende sua relação com as teorias cabalísticas de criação e revelação.

A alegada motivação primária de Pico para estudar a Cabala é evangelizar contra hereges e judeus. Na Apologia que compôs em 1487 – após a condenação de treze de suas teses como heréticas – ele confessa que seu motivo é “lutar pela fé contra as implacáveis calúnias dos hebreus.”^[6] Como seu segundo conjunto de “Conclusões Cabalísticas” explica, sua intenção é “fornecer uma poderosa confirmação da religião cristã a partir dos próprios princípios dos Sábios Hebreus”, para que os judeus possam ser refutados por seus próprios livros cabalísticos.^[7] Ele propõe usar técnicas hermenêuticas próprias da Cabala para provar, por exemplo, a supremacia do nome de Jesus e o mistério da Trindade.^[8]

O significado da Cabala de Pico não deve, no entanto, ser restrito apenas à polêmica e apologética cristã. Chaim Wirszubski argumenta que as “Conclusões Cabalísticas” “ultrapassaram seu propósito original” e que Pico via a Cabala de um ponto de vista inteiramente novo, sendo “o

primeiro cristão que considerou a cabala simultaneamente uma testemunha do cristianismo e uma aliada da magia natural”.^[9] O interesse de Pico vai muito além da simples confirmação do cristianismo quando em suas “Conclusões Mágicas” ele afirma que a divindade de Cristo é melhor demonstrada pela ciência da magia e a Cabala.^[10] Joseph Dan acredita que com esta tese, Pico está menos preocupado em promover o catolicismo tradicional do que em sugerir que o cristianismo deveria descobrir um novo significado, um delineado em suas novecentas teses.^[11] A natureza extrema das alegações que Pico faz, de que “nenhuma operação mágica pode ser de qualquer eficácia, a menos que tenha anexado a ela uma obra de Cabala”, criou um interesse generalizado por essa tradição judaica.^[12] A aliança de Pico entre Kabbalah, magia e teologia produziu um desenvolvimento significativo na Cabala Cristã: A partir daí, um cabalista cristão poderia ser um teólogo ou um mago ou ambos.

Formulações influentes de Johann Reuchlin sobre a palavra e a arte

Durante o tempo em que Pico esteve ativo em Florença, ele foi visitado pelo estudioso alemão Johann Reuchlin (1455-1522), universalmente considerado como uma das principais figuras da erudição europeia e da vida intelectual na virada do século XVI. Reuchlin escreveu dois dos livros mais influentes da Kabbalah cristã, o *De Verbo Mirifico* (Sobre a palavra que opera maravilhas, 1494) e *De Arte Cabalistica* (Sobre a arte cabalística, 1517).^[13]

Uma das principais atrações da Cabala para ele era a multiplicidade de nomes divinos em hebraico. Em suas “Conclusões”, Pico se referiu brevemente ao nome de Jesus em um contexto cabalístico; em *De Verbo Mirifico*, Reuchlin lançou uma declaração completa de como o nome judeu de quatro letras, o Tetragrammaton, YHVH, havia sido substituído pelo Pen-

tagrammaton cristão de cinco letras, o nome “acima de todos os outros”, YHSVH.

O primeiro trabalho cabalístico de Reuchlin foi significativo por suas ideias sobre a linguagem e pela contribuição que deu ao debate renascentista sobre os poderes e propriedades ocultos de palavras e nomes. Ele continha exemplos extraordinários de feitos maravilhosos alcançados por meio da palavra que opera maravilhas, desde alimentar os famintos e curar os doentes até exorcizar demônios e reviver os mortos.[14] Na época em que publicou De Arte Cabalística, Reuchlin era o principal hebraísta cristão de sua época e havia se envolvido na controvérsia com os dominicanos de Colônia sobre o Talmud, às vezes referido como a “Batalha dos Livros”. Reuchlin escreveu sua segunda obra cabalística “como uma forma de súplica especial para a proteção dos livros hebraicos contra a queima por causa de seu conteúdo ‘cristão’”. Essa foi uma postura particularmente corajosa a ser adotada e um afastamento radical do antagonismo teológico padrão em relação ao Talmud.[15]

Um aspecto importante do novo conceito de linguagem encontrado nas fontes cabalísticas era um conjunto de técnicas exegéticas sem contrapartida na interpretação cristã das Escrituras. Em De Arte Cabalística, Reuchlin fornece exemplos das técnicas judaicas de gematria (ou aritmética), Notariacion (manipulação de letras) e Themura (comutação de letras), tudo para provar a supremacia da religião cristã. De forma um tanto incongruente, o representante judeu de Reuchlin, Simon ben Eleazar, promove a doutrina trinitária cristã com sua explicação de como o nome de doze letras Ab Ben Veruach Hakadosh (Pai, Filho e Espírito Santo) flui do Tetragrammaton judaico YHVH.[16] Tão informativa foi a exposição de Reuchlin que, de sua época, nenhum escritor que tocou na Cabala Cristã com qualquer profundidade o fez sem usá-lo como fonte.

Outras Fontes Significativas para a Cabala Cristã Primitiva

Uma das figuras centrais da Cabala cristã do século XVI é, sem dúvida, o estudioso veneziano Francesco Giorgio (ca. 1460-1540),[17] autor de dois grandes volumes sobre Cabalá que eram amplamente lidos: De Harmonia mundi totius cantica tria (Três Cânticos sobre Harmonia do Mundo Inteiro, 1525) e os Problemata (1536). Em ambos os livros, a Cabala foi central para os temas desenvolvidos, e o Zohar, pela primeira vez, foi amplamente utilizado em uma obra de origem cristã. Elaborando sobre as obras de Pico e Reuchlin, em De Harmonia mundi Giorgio apresenta as principais ideias dos cabalistas renascentistas. No processo, ele leva a cristianização da Cabala muito além daquela encontrada nas teses de Pico. Um dos discípulos de Giorgio, Arcangelo da Borgonuovo (m. 1571), tomando emprestado extensivamente das obras de seu professor e de Reuchlin, publicou uma Declaratio sopra il nome di Giesu (Declaração sobre o Nome de Jesus, 1557), essencialmente uma expansão dos capítulos finais em De Verbo Mirifico de Reuchlin. Isto foi mais tarde seguido por um comentário sobre as teses cabalísticas de Pico, Cabalistarum selectiora, obscurioraque dogmata (Dogmas mais seletos e obscuros dos cabalistas, 1569).[18]

O judeu alemão convertido Paulus Ricius (1470-1541) também descobriu na Cabala os mistérios da Trindade, a geração eterna do Filho de Deus, a redenção através da paixão e sangue do Messias e sua ressurreição. Ricius conhecia amplamente fontes hebraicas e, com o zelo de um convertido, publicou uma série de pequenos tratados sob o título Sal Fœderis (Sal da Aliança) em 1507, destinado a defender o cristianismo contra as calúnias dos judeus. Em 1514, Ricius tornou-se médico do imperador Maximiliano I, para quem em 1519 preparou uma nova tradução latina do Talmud, com comentários. Em 1516, ele publi-

cou o que se tornaria uma tradução influente de Gates of Light (1516), de Joseph Gikatilla, contendo a primeira representação da Árvore da Vida fora de um texto judaico. A mais famosa de suas obras cabalísticas é a síntese religiosa-filosófica em quatro partes de fontes cabalísticas e cristãs, De Cœlesti Agricultura (Sobre a Agricultura Celestial, 1541).

O Livro Quatro consiste em uma introdução à Cabala em uma série de cinquenta teoremas, bem como uma tradução das principais passagens de Gates of Light de Gikatilla. Ironicamente, apesar de suas origens judaicas e erudição óbvia, e apesar da natureza ortodoxa e não mágica da Cabala de Rici, ele foi acusado por um sacerdote de não propor a verdadeira Cabala “porque ele apresentou essa doutrina sob outra luz, diferente da de Pico”.[19]

O indivíduo responsável, no entanto, por fornecer a imagem mais duradoura da Cabala cristã moderna é o teólogo alemão Heinrich Cornelius Agrippa (1486-1535), em sua enciclopédia de pensamento esotérico, De Occulta Philosophia libri tres (Três Livros de Filosofia Oculta, 1533). Esta obra se tornaria uma das fontes mais amplamente consultadas sobre a Cabala no mundo cristão – apesar (ou talvez devido) o fato de Agripa mostrar apenas conhecimento das obras de cabalistas cristãos como Pico, Reuchlin, Rici e Giorgio, em vez de envolvimento direto com fontes hebraicas ou aramaicas. Agripa apresenta uma mistura de ideias pitagóricas, neoplatônicas e cabalísticas semelhantes a Reuchlin, repetindo as mesmas alegações de que o hebraico é a “língua original” e o significado de suas vinte e duas letras como a fundação do mundo.

Scholem observa que o lugar de honra em De Occulta philosophia é concedido à Cabala prática e aritmologia, pois é uma rica fonte de informação sobre o significado oculto e cabalístico dos números; ao mesmo tempo, não devemos

negligenciar a importância da Cabala para a noção de Agripa de uma magia sacralizada.[20]

Um híbrido cabalquímico: Fusões Experimentais de Cabala e Alquimia

No decorrer do século XVI, surgiu uma tendência pronunciada para a permeação da Cabala cristã com simbolismo alquímico.[21] Essa convergência da alquimia e da Cabala talvez fosse esperada, pois ambas as artes se preocupavam com o conhecimento da criação. Ambas as artes também defendiam uma transmissão secreta de conhecimento de mestre para aluno, com iniciações, ordenações e revelações de Deus e seus anjos. Até certo ponto, a redução da linguagem pelos cabalistas às suas letras elementares correspondia à redução da matéria pelos alquimistas ao seu estado primordial; a permutação de letras e palavras correspondentes à circulação e combinação de elementos e substâncias.

A primeira combinação conhecida de alquimia e Cabala pode ser encontrada nas obras do padre veneziano Giovanni Agostino Panteo (d. 1535), que desenvolve uma “Cabala de Metais” híbrida em duas obras: a Ars transmutationis metalae 1519) e Voarchadumia contra alchimiam (Voarchadumia contra a alquimia, 1530).[22] No capítulo mais cabalístico da Voarchadumia, relacionado com a “Mistura nas raízes da Unidade dos 72 elementos Voarchadumicos”, Panteo analisa numericamente uma pequena coleção de palavras relacionadas com substâncias alquímicas. Aprendemos que a misteriosa substância Risoo é chamada Thélma em grego, e em hebraico Reçón, ambos os termos que aparecem na lista de sinônimos de ouro de Panteo. Ambas as palavras são traduzidas literalmente como “Vontade”, mas o significado alquímico-cabalista está na percepção de que o Reçón hebraico compartilha as mesmas letras que Eretz, uma das palavras hebraicas para “terra”. [23]

Desta forma opaca, Panteo tenta uma elucidação cabalística dos segredos dos poderes das substâncias e processos alquímicos. Ele não faz referência direta a textos judaicos, mas menciona Pico e fornece três alfabetos mágicos derivados do hebraico, um dos quais aparece posteriormente no *De occulta philosophia de Agripa*. Outro é o alfabeto enoquiano, bem conhecido daqueles familiarizados com as comunicações com os espíritos de John Dee.

O francês paracelsiano David De Planis-Campy (1589-ca. 1644) identificou Dee, o mago elizabetano, como um “mais versado em Cabala Química”. Isso se deve, sem dúvida, ao símbolo alquímico composto “matematicamente, magicamente, cabalisticamente e anagogicamente” elucidado por Dee em sua *Monas Hieroglyphica* (1564).^[24] Dee está familiarizado com as técnicas exegéticas cabalísticas do “Tziruph (ou Themura) dos hebreus” e fala da “expansão cabalística do quaternário”, introduzindo assim uma referência reuchliniana à tetraktys pitagórica.

É evidente, entretanto, que ele está menos convencido da importância do hebraico do que Pico ou Reuchlin. Dee também mostra uma tendência marcada para forjar sua própria Cabala de letras gregas e romanas e símbolos geométricos, astrológicos e alquímicos para descobrir os segredos de Deus e da criação. Apesar de ser classificado por Méric Casaubon como “um homem cabalístico, aos seus ouvidos”, Dee dá a nítida impressão de que não está particularmente interessado na interpretação textual cabalística. Em *Monas*, ele claramente faz uma distinção entre uma “Cabala do Real” e uma “Cabala da Palavra”, a primeira relacionada ao Livro da Natureza, a última ao Livro das Escrituras. Dee passa de uma leitura cabalística exclusivamente “literal” de livros impressos para uma ligada à magia natural e decifrando os hieróglifos ou assinaturas do mundo criado.^[25]

O Sigillum Dei no Anfiteatro “Cristão-Cabalista” de Heinrich Khunrath

Até agora, nossa história da Cabala Cristã tem sido principalmente um dos expoentes católicos.^[26] No entanto, é um conhecido luterano de Dee, o teósofo e alquimista alemão Heinrich Khunrath (1560-1605), que parece ser a primeira pessoa a publicar um trabalho que se descreve explicitamente como “Cabalista Cristão”: *The Christian-Cabalist, Divinely Magical and Physico-Chymical Amphitheatre of Eternal Wisdom* (1595 e 1609).^[27] Familiarizado com o *De Occulta Philosophia de Agripa*, é provável que Khunrath tenha aprofundado seu conhecimento

A Cabala cristã através de um compêndio publicado enquanto ele estudava medicina em Basileia: o *Artis Cabalisticae: hoc est, Reconditae Theologiae et Philosophiae, Scriptorum, Tomus I* (Volume 1 da Arte Cabalística, isto é, dos *Escriptores de Teologia e Filosofia Recônditas*, 1587) de Johannes Pistorius de Nidda (1546–1608). Esta coleção foi chamada de “Bíblia da Cabala Cristã”, contendo obras de Pico, Reuchlin, Rici, Arcanjo da Borgonuovo, Leone Ebreo e uma tradução latina do *Sefer Yetzirah*.^[28]

O conhecimento de Khunrath sobre a Cabala revela-se mais claramente na gravura de Cristo do Anfiteatro, o *Sigillum Dei* (Selo de Deus) ou *Sigillum Emet* (Selo da Verdade). Conforme observa Raphael Patai, “tem-se a impressão de ver um complexo emblema judaico escrito em hebraico”, uma figura central (de Cristo cruciforme) da qual irradiam oito anéis concêntricos, cinco em letras hebraicas, formando “uma verdadeira breve antologia de citações importantes e nomes de significado religioso judaico”.^[29] Ela inclui o Ein Sof, dez sefirot, dez nomes de Deus e dez ordens angélicas, as vinte e duas letras do alfabeto hebraico e o texto hebraico do Decálogo. A dúvida que Khunrath tem para com Reuchlin não é mais evidente do que no centro da gravura

onde aparecem cinco grandes línguas de fogo, cada uma com uma letra da palavra maravilhosa YHSVH.

Parece que agora estamos muito longe da Cabala cristã como atividade principalmente missionária destinada a converter os judeus. Para Khunrath, a recepção cabalística da revelação divina deve ser usada para o reconhecimento do Pai e do Filho divinos e a compreensão do que ele chama de “Três Livros” da Natureza, do Homem e das Escrituras, conforme representado na gravura mais conhecida de seu Anfiteatro, o “Oratório-Laboratório”. As alegações de Khunrath de ser “inefavelmente arrebatado em Deus” e inspirado por “Sophia Enthusiastica” incluem uma nova dimensão de revelação pessoal (através de sonhos e anjos) à sua experiência cabalística no Oratório. No Laboratório, um dos produtos da ênfase de Khunrath na necessária conjunção de Cabala, magia e alquimia é a Pedra Filosofal “Divina”, com seus usos “Físico-Mágico, Hiperfísico-mágico, Teosófico e Cabalístico”.[30]

Influências Zoharicas e Luriânicas: Kabbala denudata de Knorr von Rosenroth

O interesse pela Cabala e pela alquimia reaparece na mais proeminente antologia de textos cabalistas judaicos e cristãos do século XVII. Com a convicção de que a Cabala era uma revelação secreta original que continha toda a evolução espiritual da humanidade desde a criação do mundo, e que as religiões judaica e cristã eram idênticas do ponto de vista de seu núcleo esotérico, Christian Knorr von Rosenroth (1631–1689) decidiu publicar uma tradução latina das partes mais significativas do Zohar, juntamente com outros tratados e comentários cabalísticos para auxiliar a compreensão do leitor. Isso resultou na publicação, em 1677, do primeiro volume da Kabbala denudata, seu doctrina Hebraeorum transcendentalis et metaphysica atque Theologica (A Cabala Desvelada ou a doutrina tran-

scendental, metafísica e teológica dos hebreus), dedicado “ao leitor amante dos hebreus, da química e da sabedoria.” Embora anteriormente as fontes hebraicas mais influentes haviam sido as obras de autores medievais como Recanati, Gikatilla e Abulafia, a Cabala Revelada abraça as obras de uma nova forma de Cabala com ênfase na redenção e no milênio, promovendo o que Scholem chama de “verdadeira teologia mística do judaísmo”.[31]

De acordo com os interesses dos primeiros cabalistas cristãos, tais como Reuchlin e Agrippa, este volume inclui uma “Chave para os Nomes Divinos da Cabala” e uma edição dos Portões de Luz de Gikatilla. Novos, no entanto, são os trabalhos do místico Safed Isaac Luria (1534–1572) e outros trabalhos cabalistas luriânicos, incluindo uma explicação detalhada da Árvore da Vida e um resumo de um tratado alquímico judeu incomum, o Esch Mezareph (O Fogo do Refinador), dando correspondências entre as sefirot, planetas e metais, além de vários trabalhos cabalísticos especulativos do Platonista de Cambridge Henry More (1614–1687).

Um segundo volume da Kabbalah Unveiled, o Liber Sohar restitutus (O Livro do Esplendor restaurado, 1684), enfatiza a intenção missionária de Knorr, começando com um resumo sistemático das doutrinas do Zohar, ao qual é adicionada uma interpretação cristã. A mesma técnica é utilizada em outro texto incluído no volume, o Adumbratio Kabbalae Christianae ... ad conversionem Judaeorum (Esboço da Cabala Cristã ... para a conversão dos judeus), um diálogo entre um “cabalista” e um “filósofo cristão”, no qual eles explicam suas respectivas doutrinas religiosas, mostrando a concordância entre as duas tradições.

Inspirado pela Cabala Luriânea com sua “filosofia vitalista e otimista de perfeccionismo e salvação universal”, Rosenroth e seu colaborador na

empresa editorial, Frans Mercurius van Helmont (1614-1699), rejeitaram muitas das visões cristãs convencionais da queda, salvação e a Trindade, bem como o foco particularmente protestante na justiça divina, predestinação, desamparo do homem e o conceito de um inferno eterno. Eles tendiam a minimizar ou alegorizar o papel de Cristo no processo redentor, preferindo a visão luriânica de um universo restaurado à sua perfeição original através do esforço humano.[32]

Este segundo volume também contém trabalhos que mais tarde seriam de grande interesse para sociedades ocultistas como a Golden Dawn, em particular, uma seção intitulada Pneumatica cabbalistica, introduzindo ideias cabalísticas sobre espíritos, anjos e demônios, a alma e os vários estados e transformações incluído na teoria cabalística da metempsicose. Também foram incluídas traduções latinas de obras luriânicas, incluindo capítulos sobre angelologia, demonologia e o poder mágico criativo da linguagem, descrevendo como homens piedosos podem criar anjos e espíritos por meio de orações. O Kabbala denudata era superior a qualquer coisa que havia sido publicada anteriormente sobre a Cabala em um idioma diferente do hebraico, fornecendo aos leitores não-judeus textos autênticos que seriam a principal fonte da literatura ocidental sobre a Cabala até o final do século XIX.[33]

A Cabala Cristã no Limiar da Modernidade: Oetinger e Molitor

Passando para o século XVIII, o representante mais conhecido da Cabala cristã é sem dúvida o pastor luterano Friedrich Christoph Oetinger (1702-1782), que buscou uma philosophia sacra como substituta dos sistemas de filosofia profana desenvolvidos por pensadores como Descartes e Hobbes. Ele encontrou isso em várias formas, incluindo a filosofia de Leibniz, as obras cabalísticas neoplatônicas de Henry More, os escritos de Paracelso e outros alquimistas, a teosofia de

Jacob Boehme (1575-1624), as obras do místico sueco Emanuel Swedenborg (1688.-1772), e na Cabala Judaica. Oetinger foi especialmente atraído pela Cabala Luriânica, com o Etz Hayim (Árvore da Vida) do principal discípulo de Luria, Hayim Vital (1543-1620), uma fonte importante para seu Öffentliches Denckmahl der Lehrtafel einer weyland württembergischen Princeßin Antonia (Monumento Público da Didática Pintura de uma ex-princesa Antonia de Württemberg, 1763).[34] Esta foi sua descrição e análise de um emblemático tríptico encomendado para a Igreja da Santíssima Trindade em Bad Teinach na Floresta Negra pela princesa Antonia de Württemberg (1613-1679), uma das filhas do alquimista e ocultista Frederico I, Duque de Württemberg. Em seu comentário sobre o Lehrtafel da princesa Antonia, Oetinger apresenta um sistema de Cabala Cristã baseado em sua leitura do Zohar, contendo capítulos separados comparando as filosofias de Newton, Boehme e Swedenborg com a da Cabala.

Para nosso representante final da Cabala Cristã, estamos de volta com um estudioso católico, na figura do filósofo alemão Franz Josef Molitor (1779-1860). Como Rosenroth e Oetinger antes dele, Molitor colaborou com estudiosos judeus e desenvolveu seu programa cabalístico ao longo de décadas de pesquisa em fontes judaicas primárias. Seu Philosophie der Geschichte, oder über die Tradition (Filosofia da História, ou Da Tradição em quatro volumes 1827-1853) foi a consideração mais erudita e profunda do século XIX sobre o significado da Cabala para os cristãos, ganhando elogios de Scholem como “a coroação e a realização final da Cabala cristã”.[35]

Conclusão

O que ficou claro é que a imagem negativa de Scholem de uma Cabala cristã engajada principalmente em atividades evangélicas contra os judeus requer alguma modificação. Embora seja

justificado superficialmente pelas declarações abertas de Pico e Reuchlin (sem dúvida, equilibrando-se no fio da navalha, sempre conscientes da Inquisição), ele deturpa alguns dos cabalistas cristãos discutidos aqui, cada um com seus próprios motivos, que vão desde a nova interpretação bíblica, maior consciência da pré-história do cristianismo, reforma da Igreja e revitalização da religião, até percepções sobre as teorias da alquimia e as práticas da magia.[36]

Aqui a leitura mais irônica de Dan deve ser considerada, com a sugestão de que mesmo as primeiras obras cabalistas cristãs incluíam uma mensagem diferente e adicional: que fontes judaicas não bíblicas também tinham grande relevância para seus leitores cristãos, não apenas como uma forma de fortalecer e sustentar sua fé, mas como uma maneira de descobrir uma compreensão mais profunda da natureza de sua própria religião. É verdade que o objetivo da conversão muitas vezes espreitava em segundo plano, mas com ele também a esperança de revigorar a religião cristã, juntamente com a possibilidade de transformação pessoal e transfiguração espiritual. Há certamente alguma ironia histórica no fato de que foram os cabalistas cristãos os primeiros a publicar e promulgar material esotérico judaico. Com sua implicação de tolerância e até mesmo respeito à tradição de outra religião, sua crença na relevância da Cabala Judaica para sua contraparte cristã é “quase única na história das três religiões das escrituras”.[37]

Notas

[1] “Os primórdios da Cabala Cristã”, em *The Christian Kabbalah: Gershom Scholem, Livros místicos judaicos & Seus intérpretes cristãos*, ed. Joseph Dan (Cambridge, MA: Harvard College Library, 1997), 17-51, aqui 17.

[2] “Os primórdios da Cabala Cristã”, 18. Veja também Moshe Idel Scholem, “Introduction to

the Bison Book Edition,” em Johann Reuchlin, *On the Art of the Kabbalah*, trad. Martin e Sarah Goodman (Lincoln: University of Nebraska Press, 1983), v-xxix; Idel, *Kabbalah na Itália 1280-1510: Uma Pesquisa* (New Haven: Yale University Press, 2011), 227-235.

[3] On Pico and Kabbalah, see François Secret, *Les Kabbalistes Chrétiens de la Renaissance* (Paris: Dunod, 1964), Cap. III; Klaus Reichert, “Pico della Mirandola and the Beginnings of Christian Kabbala,” in *Mysticism, Magic and Kabbalah in Ashkenazi Judaism*, ed. Karl Erich Grözinger and Joseph Dan (Berlin: Walter de Gruyter, 1995), 195-207; Pico della Mirandola: New Essays, ed. M. V. Dougherty (Cambridge: Cambridge University Press, 2008), passim. On Pico as creator of the “first true Christian Cabala,” see Bernard McGinn, “Cabalists and Christians: Reflections on Cabala in Medieval and Renaissance Thought,” in *Jewish Christians and Christian Jews: From the Renaissance to the Enlightenment*, ed. Richard H. Popkin and Gordon M. Weiner (Dordrecht: Kluwer, 1994), 11-34.

[4] Steven A. Farmer, *Syncretism in the West: Pico's 900 Theses (1486): The Evolution of Traditional Religious and Philosophical Systems* (Tempe, AZ: Medieval & Renaissance Texts & Studies, 1998), 343, 421, 489, 497-503, 507, 511.

[5] On Abulafia and Recanati, see Idel, *Kabbalah in Italy*, passim.

[6] Brian P. Copenhaver, “O Segredo da Oração de Pico: Filosofia da Cabala e Renascimento”, in *Renascimento e o início da Filosofia Moderna*, ed. Peter A. French e Howard K. Wettstein (Oxford: Blackwell, 2002), 56-81, aqui 75.

[7] Pico della Mirandola, *On the Dignity of Man*, trans. Charles Glenn Wallis, Paul J. W. Miller, and Douglas Carmichael (Indianapolis and Cambridge: Hackett Publishing, 1998), 29, 32.

- [8] Farmer, *Syncretism in the West*, 523.
- [9] Chaim Wirszubski, *Pico della Mirandola's Encounter with Jewish Mysticism* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1989), 151, 185
- [10] Farmer, *Syncretism in the West*, 497.
- [11] Joseph Dan, "The Kabbalah of Johannes Reuchlin and Its Historical Significance," in Dan, *The Christian Kabbalah*, 55–95, here 57.
- [12] Farmer, *Syncretism in the West*, 499.
- [13] On Reuchlin, see Karl E. Grözinger, "Reuchlin und die Kabbala," in *Reuchlin und die Juden*, ed. Arno Herzig and Julius H. Schoeps (Sigmaringen: Jan Thorbecke Verlag, 1993), 175–187; Bernd Roling, "The Complete Nature of Christ: Sources and Structures of a Christological Theurgy in the Works of Johannes Reuchlin," in *The Metamorphosis of Magic from Late Antiquity to the Early Modern Period*, ed. Jan N. Bremmer and Jan R. Veenstra (Leuven: Peeters, 2002), 213–266; Wilhelm Schmidt-Biggemann, "Einleitung: Johannes Reuchlin und die Anfänge der christlichen Kabbala," in *Christliche Kabbala*, ed. Schmidt-Biggemann (Ostfildern: Jan Thorbecke Verlag, 2003), 9–48.
- [14] Charles Zika, "Reuchlin's *De Verbo Mirifico* and the Magic Debate of the Late Fifteenth Century," *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes* 39 (1976), 104–138.
- [15] Joseph Leon Blau, *The Christian Interpretation of the Cabala in the Renaissance* (New York: Columbia University Press, 1944), 50; Joseph Dan, "Christian Kabbalah in the Renaissance," in *Dictionary of Gnosis and Western Esotericism*, ed. Wouter J. Hanegraaff (Leiden: Brill, 2006), 991; Reichert, "Pico della Mirandola and the Beginnings of Christian Kabbala," 197.
- [16] Blau, *The Christian Interpretation of the Cabala*, 57–59.
- [17] Giulio Busi, "Francesco Zorzi: A Methodical Dreamer," em Dan, *The Christian Kabbalah*, 97–125; Frances A. Yates, *The Occult Philosophy in the Elizabethan Age* (London: Routledge e Kegan Paul, 1979; reimpressão 2001), 33–44.
- [18] Chaim Wirszubski, "Francesco Giorgio's Commentary on Giovanni Pico's Kabbalistic Theses," *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes* 37 (1974), 145–156.
- [19] Secret, *Les Kabbalistes Chrétiens*, 89. Sobre Riccius, ver também François Secret, "Notes sur Paolo Ricci et la Kabbale chrétienne en Italie," *Rinascimento* 11 (1960), 169–192; Crofton Black, "Da Cabalá à Psicologia: The Allegorizing Isagoge of Paulus Ricius, 1509–1541," *Magic, Ritual, and Witchcraft* 2:2 (2007), 136–173.
- [20] Gershom Scholem, *Kabbalah* (New York: Meridian Books, 1978), 198; Zika, "Reuchlin's *De Verbo Mirifico* and the Magic Debate," 138. Veja também Christopher I. Lehrich, *The Language of Demons and Angels: Cornelius Agrippa's Occult Philosophy* (Leiden: Brill, 2003), 149–159. Sobre as relações da Cabala Cristã com a filosofia oculta, veja Secret, *Les Kabbalistes Chrétiens*, cap. 11.
- [21] Gershom Scholem, *Alchemy and Kabbalah* (Dallas: Spring Publications, 2006); Raphael Patai, *The Jewish Alchemists: A History and Source Book* (Princeton: Princeton University Press, 1994), 152–169.
- [22] On Pantheus, see Lynn Thorndike, *A History of Magic and Experimental Science*, 8 vols. (New York: Columbia University Press, 1941), Vol. 5, 537–40; Hilda Norrgrén, "Interpretation and the Hieroglyphic Monad: John Dee's Reading of Pantheus's *Voarchadumia*," *Ambix* 52:3

(2005), 217–245

[23] Nicolas Séd, “L’or enfermé et la poussière d’or selon Moïse ben Shémtobh de Léon (c. 1240–1305),” *Chrysopoeia*, Tome III, fasc. 2 1989, 121–134, at 131.

[24] Peter J. Forshaw, “The Early Alchemical Reception of John Dee’s *Monas Hieroglyphica*,” *Ambix* 52:3 (2005), 247–269, at 263.

[25] Philip Beitchman, *Alchemy of the Word: Cabala of the Renaissance* (Albany: State University of New York Press, 1998), 242–243.

[26] On Dee’s switches from Protestantism to Catholicism and back, plus possible contacts with Familism, see Deborah Harkness, *John Dee’s Conversations with Angels: Cabala, Alchemy, and the End of Nature* (Cambridge: Cambridge University Press, 1999), 129, 149.

[27] On Khunrath, see Peter J. Forshaw, “Curious Knowledge and Wonder-Working Wisdom in the Occult Works of Heinrich Khunrath,” in *Curiosity and Wonder from the Renaissance to the Enlightenment*, ed. R. J. W. Evans and Alexander Marr (Aldershot: Ashgate, 2006), 107–129. Khunrath’s usage is antedated in manuscript, however, by Jean Thénaud (d. 1542) whose *La Saincte et trescrestienne cabale* dates from around 1521. See Blau, *The Christian Interpretation of the Cabala*, 89–97; Wirszubski, *Pico della Mirandola’s Encounter*, 185 n.1.

[28] Secret, *Les Kabbalistes Chrétiennes*, 280.

[29] Patai, *The Jewish Alchemists*, 156.

[30] Forshaw, “Curious Knowledge and Wonder-Working Wisdom,” 115, 128; Dan, “Christian Kabbalah in the Renaissance,” 639. See Dan, “The Kabbalah of Johannes Reuchlin,” p. 62, on the opposition between Kabbalah and mysticism:

“the first emphasizes tradition and marginalizes individual experience, whereas the latter includes the notion of an original discovery of a truth by an individual.”

[31] Gershon Scholem, *Major Trends in Jewish Mysticism* (New York: Schocken Books, 1954), 284..

[32] Allison P. Coudert, *The Impact of the Kabbalah in the Seventeenth Century: The Life and Thought of Francis Mercury van Helmont (1614–1698)* (Leiden: Brill Academic Publishers, 1999), 345. See especially ch. 6: “Christian Knorr von Rosenroth and the Kabbalah Denudata”; eadem, “The Kabbala Denudata: Converting Jews or Seducing Christians,” in Pokin and Weiner, *Jewish Christians and Christian Jews*, 73–96.

[33] Scholem, *Kabbalah*, 416.

[34] Miklós Vassányi, *Anima Mundi: The Rise of the World Soul Theory in Modern German Philosophy* (Dordrecht: Springer, 2011), 128ff; Eva Johann Schauer, “Friedrich Christoph Oetinger und die kabbalistische Lehrtafel der württembergischen Prinzessin Antonia in Teinach,” in *Mathesis, Naturphilosophie und Arkanwissenschaft im Umkreis Friedrich Christoph Oetingers (1702–1782)* ed. Sabine Holtz, Gerhard Betsch, and Eberhard Zwink (Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2005), 165–182. On Oetinger, see also Ernst Benz, *Christian Kabbalah: Neglected Child of Theology*, trans. Kenneth W. Wesche (St. Paul, MN: Grailstone Press, 2004).

[35] Scholem, *Kabbalah*, 200–201; Arthur Versuis, *Theosophia: Hidden Dimensions of Christianity* (New York: Lindisfarne Press, 1994), 76. On Molitor, ver também Katharina Koch, *Franz Joseph Molitor und die jüdische Tradition: Studien zu den kabbalistischen Quellen der “Philosophie der Geschichte”* (Berlin: Walter de Gruyter, 2006).

A Conexão Januária

Sérgio Koury Jerez

Loja Nova Esperança, 132 – Oriente de São Paulo



Para uma Ordem que respeita as religiões, mas que se pretende equidistante de todas elas, as menções a São João nos rituais maçônicos poderiam parecer, ao observador desatento, controversas e incongruentes. Mas não o são! A exemplo das diversas representações que a maçonaria didaticamente adota, as referências a São João têm um caráter iminentemente simbólico, embora de origem um tanto nebulosa. No entanto, a análise histórica das culturas que serviram de berço para a civilização ocidental – onde a maçonaria especulativa foi concebida – nos dá uma série de pistas e permite compor um quadro geral, ainda que com algumas lacunas, sobre os caminhos que levaram a Ordem a estabelecer vínculos com São João. Um desses caminhos, que aqui expomos e ao qual decidimos chamar, por sua relação com o deus romano Jano, de Conexão Januária, oferece uma versão consistente para esta questão, embora não a encerre, já que acreditamos que suas raízes podem remontar a um passado muito mais distante e que ainda há muito a se estudar sobre elas.

Considerações

É razoável deduzir que a simbologia construtiva tenha começado a se desenvolver a partir do momento em que os hominídeos primitivos empregaram sua engenhosidade para criar abrigos. É possível concluir também que, sem que tenha havido qualquer notória interrupção, essa simbologia veio, através dos tempos, agregando conhecimentos, ampliando conceitos e internalizando valores de inúmeros povos, sempre preservando sua meta mais importante: proteger e dignificar a vida e contribuir para que o homem cumpra seu sagrado papel na Criação. Atravessou milênios desta forma e foi assim que passou a fazer parte dos mistérios de diversas religiões, mesmo quando escamoteada sob signos alheios. E embora nos séculos mais recentes seus fundamentos exotéricos tenham sido transferidos para o mundo profano sob a forma de ciência e sofrido as interferências próprias desse meio, seu precioso arcabouço esotérico, talvez o mais sublime legado da humanidade, tem sido preservado, apesar da intolerância e das guerras e catástrofes que permeiam a evolução do homem.

Um dos pontos críticos enfrentados por este conhecimento milenar foi a introdução, em Roma, da fé

cristã como prática oficial de estado. No afã de difundir sua crença e propagar seus valores por todo o mundo romano, o cristianismo, já então estruturado como catolicismo, agiu em várias frentes:

num primeiro momento, tomou conta dos templos pagãos, transformando-os em igrejas; transferiu os atributos altruístas das divindades existentes para seus vultos mais expressivos, de modo que os fiéis pudessesem, por algum tempo, continuar executando suas práticas rituais com pouca ou nenhuma mudança, apenas aceitando um novo nome para o objeto de seu louvor. Criaram-se assim os santos;

dedicou-se a desconstruir as antigas religiões pagãs, associando seus deuses e semideuses às práticas do mal, catástrofes, violências etc.

A medida se demonstrou eficiente e foi responsável pela conversão de milhões de súditos do império que, a rigor, além de adotar os sacramentos cristãos, tiveram apenas que aceitar um novo nome para suas antigas divindades[i].

O caso particular que vamos tratar neste artigo é o do deus Jano, um dos mais antigos e importantes para os romanos.

Jano, o deus das passagens

Segundo os historiadores mais antigos, Jano[ii] foi introduzido na religião romana trazido da Etrúria, onde, por sua vez, teria sido concebido por influência de deuses mesopotâmicos ou egípcios ancestrais[iii]. Suas primeiras versões parecem caracterizá-lo como um deus do Sol que trazia a luz do amanhecer. Dizia-se que era o criador das moedas e dos barcos[iv] e, neste particular, é possível estabelecer-se um vínculo bem claro entre ele e o deus Ra egípcio[v], embora isso, por si só, não seja uma garantia de hereditariedade.

Suas imagens mais frequentes apresentam-no com duas faces olhando para lados opostos. É chamado, neste caso, de Jano Bifronte, sendo algumas vezes retratado com um dos rostos jovem e o outro idoso, indicando que olhava para o futuro e para o passado. Portava uma chave numa das mãos e um bastão na outra. Em número menor, mas da mesma forma importantes, são suas versões com quatro faces, chamadas de Jano Quadrifronte, que parecem estar ligadas às quatro estações do ano e aos quatro pontos cardeais.

Consta de sua teologia que era o “deus de todos os inícios[vi]“ e, portanto, das iniciações. Com o tempo, passou a ser responsabilizado pelo sucesso das inaugurações, admissões, aberturas, passagens e transições. Portas, pórticos, portais, portões, janelas, corredores, arcos, pontes, túneis e passadiços estavam nos domínios de Jano. Por extensão, tornou-se responsável pelos limiares, umbrais e fronteiras, e assumiu o papel de guardião dos limites ou de zelador[vii] da entrada e saída dos locais, fossem casas, lugares públicos ou cidades, tendo a manutenção da paz entre suas incumbências. Talvez o fato de um dia ter simbolizado o Sol é que lhe tenha valido o comando dos solstícios[viii],[ix], inaugurando o inverno e o verão romano. Associavam-no também ao Nascente e ao Poente e aos ventos Boreal e Antiboreal. Representava o marco limítrofe entre o dentro e o fora, o início e o fim, o passado e o futuro, caracterizando o presente absoluto. É o instante atemporal e adimensional e, neste particular, lembra muito o ponto dos geômetras. Nas liturgias romanas, seu nome era sempre

invocado em primeiro lugar.

Por todas estas características, tornou-se um deus muito importante, a ponto de rivalizar-se com Júpiter. Isso lhe valeu uma homenagem por parte dos romanos, que batizaram um mês com o seu nome, chamando-o de janeiro.

Certamente foi por seu perfil iniciador ou iniciático que os artesãos romanos o adotaram como padroeiro, sendo que os pedreiros e construtores ainda com maior razão, já que sob a proteção de Jano estavam o que se costuma chamar de “obras de arte” na área da construção civil, ou seja, as pontes, viadutos, arcos etc., estruturas complexas, com a função de passagem, e que exigem muito conhecimento, engenhosidade e perícia para serem erigidas.

Os collegia fabrorum

Collegia Fabrorum era a denominação que os romanos davam às corporações de artesãos ou colégios de artífices. Consta que foram criados por Numa Pompílio, sucessor imediato de Rômulo e, portanto, segundo rei de Roma. As leis romanas estabeleciam que artífices de um mesmo ramo de atividade poderiam se associar para, juntos, praticarem seu ofício. Isso os obrigava ao respeito a regras e normas definidas pelos próprios associados.

A história mostra que havia Collegia Fabrorum dos mais variados ofícios: saboneiros, sapateiros, ourives, cunhadores de moedas etc. Embora não tenhamos encontrado menção explícita a pedreiros ou cantoneiros[x], certamente existiam Collegia que agrupavam estes tipos de profissionais, pela importância que têm em qualquer sociedade.

Por tipificar a iniciação, Jano era o patrono informal de todos os artífices, pois a aceitação do indivíduo como membro de um ofício era precedida de um processo iniciático. Este patronato, no entanto, não impedia que os Collegia fabrorum tivessem um padroeiro associado às peculiaridades do ofício que exerciam. O colégio dos alfaiates, por exemplo, cultuava Marte, o colégio dos médicos, Asclépio e Hígia, e assim vários outros.

As corporações de artesãos foram de fundamental importância para o desenvolvimento e expansão do Império Romano. O fomento à sua criação acabou proporcionando o aprimoramento dos ofícios e a criação de novos métodos para realização de suas atividades. Os membros mais experientes transmitiam seu conhecimento aos demais, gerando uma corrente altruísta que induzia o aperfeiçoamento individual e a formação de quadros cada vez mais bem preparados.

Porém, com a queda do Império Romano do Ocidente e o caos que a sucedeu, a figura formal dos Collegia fabrorum parece ter se dissipado, embora o conhecimento sobre a maioria dos ofícios pareça ter avançado pela Idade Média e chegado ao Renascimento senão incólume, pelo menos forte o suficiente para produzir bons frutos através das guildas medievais. E, ao que tudo indica, a influência de Jano continuou a se fazer sentir.

As guildas europeias

Há uma grande discussão entre os estudiosos sobre se e como o conhecimento das corporações romanas de artesãos influenciaram as guildas medievais. Não obstante, e a despeito de tudo o que se escreveu até hoje sobre o assunto, uma pergunta talvez traga em si mesma a resposta a esta questão: de onde mais, a não ser dos antigos, as guildas extrairiam a base das artes que praticavam?

Não se pode imaginar que a queda de Roma tenha apagado por completo todo o saber que a humanidade havia acumulado até então. Primeiro, porque a cultura por ela emanada continuou evoluindo, vigorosa, no Império Bizantino[xi]. Depois, porque houve partes do império que foram menos afetadas pelas invasões das hordas bárbaras e, portanto, puderam manter, com razoável fidelidade, as práticas romanas. De toda forma, mesmo que tenha sido apenas transmitido de boca a ouvido, de mestres para discípulos, o fato é que este conhecimento subsistiu. Se nas guildas – às quais o clero por vezes chamava de conjurações – ou em qualquer outro tipo de associação, é irrelevante. O uso do nome guilda neste artigo é, portanto, apenas uma identificação genérica para as diversas formas de associação sob a égide das quais se reuniam, na Idade Média, os praticantes de um mesmo ofício.

Na área da construção em pedra, que é aquela que nos interessa mais de perto, as guildas erigiram, durante o período medieval, mosteiros, fortificações, cidadelas, moradias, templos e castelos por toda a Europa. Se, com raras exceções, até o final do primeiro milênio não apresentavam a sofisticação, a grandiosidade e a perfeição das mais importantes obras romanas, é porque não havia concentração suficiente de riquezas que permitisse gastos com opulência e refinamento arquitetônico. Só mais tarde, com a unificação de feudos, expansão das rotas comerciais e aumento do poder da Igreja é que as obras mais elaboradas e equiparáveis às romanas tornar-se-iam viáveis novamente.

As guildas de pedreiros eram formadas para fazer frente à demanda por mão-de-obra qualificada para realização das construções, onde quer que fossem necessárias. A exemplo dos colégios romanos de artífices, tinham, em geral, regras de conduta rígidas e mantinham fundos de amparo e auxílio funeral para seus membros. Tudo indica que os novos integrantes eram admitidos através de iniciação e que guardavam para si os segredos e mistérios da profissão, que eram transmitidos gradualmente aos demais segundo sua proficiência e habilidade, ao longo de períodos variáveis. Pelo menos em parte da Europa, na noite de 26 para 27 de dezembro, dia de S. João Evangelista[xii], faziam entre si juramentos de sigilo e de união. Promoviam, então, imensos banquetes onde comiam e bebiam até se fartar.

Ainda que toda a literatura analisada não apresente evidências materiais de uma possível transmissão de conhecimentos[xiii] – e valores – das corporações romanas de artífices para as guildas, é muito provável que estas sejam as sucessoras naturais daquelas, com todas as implicações que possam advir disso. Afinal, é difícil imaginar que as guildas de pedreiros possam ter herdado o uso de ferramentas e as técnicas construtivas utilizadas pelos romanos, sem que, junto com elas, lhes tenham sido transferidos também os saberes, costumes, tradições, ritos, lendas e mitos que envolviam o ofício de construir.

Desde o ano de 590 – portanto, pouco mais de 100 anos após a queda do Império Romano, há documentos que comprovam a existência de guildas de construtores na Itália. A dos mestres comacinos, por exemplo, possivelmente originária da Lombardia, primava pela mútua proteção e desenvolvimento de seus integrantes. Outro exemplo de que os conhecimentos romanos permaneceram vivos nos é dado pelo bispo Wilfrido de York que, em 598, associou-se ao abade de Wearmouth para mandar enviados à França e Itália, pedindo que os pedreiros retornassem e retomassem as construções “de acordo com a maneira romana”.

A indicação da existência de pedreiros-livres aparece pela primeira vez em manuscritos dos séculos XII e XIII, quando são chamados de Sculptores lapidum liberorum[xiv] ou Latonii vocati fremacconi[xv].

É neste contexto que surgem as lojas de São João.

As Lojas de São João

Coerente com a implantação do cristianismo no Império Romano, suspeita-se que a escolha das datas de 24 de junho e 27 de dezembro para as festas em homenagem a S. João Batista e S. João Evangelista, respectivamente, deva-se ao fato de que elas são próximas dos solstícios, cujo patrono em Roma, como já foi visto, era Jano. A razão para isso, embora possa parecer banal, deve ter sido a pronúncia em latim de ambos os nomes, Jano e João, que é muito semelhante. Tal identidade fonética certamente colaborava para a transferência das devoções dos fiéis de Jano para os santos católicos. No caso de São João Batista, em particular, esta transferência deve ter sido até mais fácil, pois existe um vínculo simbólico entre os dois, já que João Batista iniciou Jesus através do batismo e que Jano era o patrono das iniciações[xvi].

De qualquer forma, é possível identificar três motivos que teriam levado os trabalhadores da construção a adotar um ou outro João, ou ambos, como padroeiros:

- 1) O vínculo com Jano e os solstícios;
- 2) A associação do Batista com a iniciação e do Evangelista com o amor fraternal e a solidariedade[xvii];
- 3) A escolha do patrono de uma cidade como protetor de uma guilda[xviii], o que era muito frequente;

Há muitas provas de que os construtores medievais tinham apreço pelas datas solsticiais.[xix] Se isso, de fato, era decorrente da adoção de Jano como seu padroeiro, é difícil saber, porque numa época em que a Igreja era fundamentalista e implacável, não seria razoável externar o culto a um deus pagão. Desse modo, mesmo que a reverência ao deus romano tenha prosseguido após a queda do império, deve ter permanecido cifrada nos mistérios do ofício. E assim se encontraria até hoje, velada pelos Sãos Joões.

A associação de João Batista com as iniciações e a importância destas para os ofícios é óbvia. Quanto à importância de João Evangelista – considerado o apóstolo do amor – para os construtores, é preciso ter em conta a relevância da solidariedade e da fraternidade entre os integrantes das guildas de

pedreiros. Aqueles artífices, não raro, exerciam o ofício em lugares ermos e distantes de suas cidades, e, a exemplo dos colégios romanos, a ajuda mútua e o auxílio às famílias em caso de acidente ou falecimento eram fundamentos rigidamente obedecidos por todos e tratados como pontos de honra.

A guilda medieval de pedreiros e carpinteiros vinculada à catedral de Colônia, na Alemanha, adotava João Batista como padroeiro. Já os obreiros da Loja de Edimburgo[xx], na Escócia, trabalhavam, no século XV, sob a proteção de João Evangelista, como era comum para boa parte das guildas de construtores escoceses.

Desde a época das Cruzadas, João Batista era reverenciado como padroeiro da Ordem de São João de Jerusalém, de grande destaque na realização de obras arquitetônicas. Esta ordem, também chamada de Ordem dos Hospitalários, foi a primeira instituição cristã de caridade especializada. Estabelecida na Palestina por volta de 1080 – portanto pouco antes da Primeira Cruzada – tinha por objetivo o apoio e a assistência médica aos peregrinos cristãos que se dirigiam à Terra Santa. Após a Cruzada, o fluxo de romeiros para a região aumentou enormemente e a Ordem de São João, administrada por leigos, enriqueceu, expandindo-se pelas rotas de peregrinação, onde construiu inúmeras fortalezas. Uma das remanescentes é a de Krak dos Cavaleiros, perto de Homs, na Síria, considerada Patrimônio Mundial pela UNESCO.

A adoção de São João como patrono daquela ordem decorreu do fato de que o seu primeiro abrigo foi construído próximo à Igreja de São João Batista, na Cidade Santa, onde os hospitalários faziam suas orações. Embora neste caso pareça não haver qualquer relação direta com o deus Jano, a hipótese de que essa relação exista, ainda que de difícil comprovação, não pode ser sumariamente descartada, pois a cultura do Oriente Médio está impregnada de referências solsticiais.

No século XVIII, quando a nossa Ordem ainda tinha muitas referências cristãs, São João Batista e São João Evangelista eram tidos como santos patronos da Maçonaria inglesa. Dos dois, São João Batista era considerado o principal. Seu simbolismo é tão importante que a primeira Grande Loja, formada em 1717, escolheu seu dia como data de fundação. Por outro lado, antes mesmo da formação da Grande Loja Unida da Inglaterra, em 1813, era costume as Lojas instalarem os Veneráveis a cada seis meses, e o faziam em 24 de junho (dia de São João Batista) e 27 de dezembro (dia de São João Evangelista). A antiga Grande Loja da Inglaterra, em particular, sempre realizava suas instalações no dia 27 de dezembro.

De lá para cá, as referências maçônicas aos dois Sãos Joões têm sido mantidas. Muitas Lojas de vários países se assumem dedicadas a ambos os santos. No Rito Sueco, os três primeiros graus são conhecidos como graus de São João. No começo do século XIX, algumas Lojas francesas abriam seus trabalhos em nome de São João da Escócia, mas, a despeito do que possa parecer à primeira vista, não há um santo escocês de nome João, de onde presume-se que esta tenha sido uma maneira indireta de reverenciar o padroeiro das guildas escoceses, S. João Evangelista.

O Rito de York Antigo, mais ou menos na mesma época, dedicava a Loja aos dois Sãos Joões. No R.E.A.A., até hoje, todos se dizem oriundos de uma Loja de S. João, em honra do qual os trabalhos são abertos e fechados.

Conclusão

Ainda haveria muito a se falar de Jano, colégios de artesãos, guildas e Lojas de São João. Existe uma vasta literatura a respeito, parte da qual é apresentada na bibliografia a seguir. Não obstante, e como sempre acontece com as pesquisas sobre simbologia maçônica, alguns vazios permanecem, dada a carência de fontes quando nos aprofundamos no passado. De todo modo, esperamos que este trabalho motive outros Irmãos a preenchê-los com seus estudos.

Não há dúvida de que, desde os primórdios, o homem se preocupa em entender a natureza. Poder antever as alterações climáticas provocadas pela mudança das estações e, com isso, preparar-se para o plantio, colheitas e caça, e proteger-se das intempéries, era uma questão de sobrevivência e garantia da manutenção da prole. Passaram-se dezenas de milhares de anos até que ele pudesse identificar os solstícios, e foi buscando perpetuar este conhecimento que passou a registrá-lo em pedra. Inúmeros templos e construções trazem em si esta sabedoria primordial, que só chegou aos dias atuais porque encontrou pedreiros dispostos a traduzi-la pela ação de seus maços e cinzéis. No Templo de Salomão, eram representados pelas colunas J e B, e, no império romano, através das portas solsticiais, estavam associados a Jano, de onde vieram até chegar aos dias atuais personificados pelos dois São João.

Esta tese, evidentemente, está aberta a contestações. Ainda assim, é preciso considerar que na tradição cristã não existe qualquer ligação desses santos com os ofícios construtivos, nem há indicação de que seu patronato seja fruto de imposição ou preferência religiosa. Ou seja, ainda que a maçonaria não fosse equidistante das religiões, do ponto de vista da hagiologia^[xxi] cristã – e exceto pela fraternidade apregoada pelo Evangelista – não haveria porque ter qualquer dos São João como patrono. Quanto à hipótese de que a adoção dos santos pela maçonaria seja uma mera homenagem ao padroeiro de alguma cidade medieval, carece da ancestralidade característica dos símbolos maçônicos e, por isso, mesmo que não se possa refutá-la, é pouco provável que seja verdadeira.

Os hermetistas associam o solstício de verão à “porta dos homens” e o de inverno à “porta dos deuses”^[xxii], que são as portas zodiacais de Câncer e Capricórnio. São os momentos a partir dos quais há, respectivamente, diminuição e aumento da intensidade da luz solar, reproduzidos simbolicamente na vida do maçom da iniciação em diante, conduzindo-o das trevas à luz. Diz a antiga filosofia que a alma humana descia dos céus e passava pela Porta dos Homens para encarnar na terra. Na morte, após deixar o corpo, ela passava pela Porta dos Deuses e retornava aos céus. E era Jano quem detinha a chave que abriria estas portas.

Ao olharem para os solstícios, as duas faces de Jano estão, portanto, zelando para que o ciclo da existência se cumpra e permitindo, com isso, que o homem se torne partícipe da criação. Se uma das faces pode ser associada a São João Batista e a outra a São João Evangelista, sob o aspecto estriamente simbólico isso talvez não seja tão relevante. Os símbolos são importantes pelo que representam, não pelo nome que se dê a eles. E os solstícios continuarão a existir independentemente de como os chamemos.

O passado é só uma lembrança e o futuro ainda não chegou. Jano, transfigurado nos Sãos Joões,

continuará a nos remeter ao aqui e agora, que é o tênue e fugaz momento que estabelece a ponte ou a passagem entre o que já foi vivido e o que ainda resta viver. Ou, se preferirmos, o olhar sobre o que já foi plantado e colhido e a incerteza se haverá um novo plantio e uma nova colheita.

Ele já nos abriu uma porta. Em vão esperaremos que tenha perdido a chave da outra...



Notas

- [i] Só num momento seguinte, já bem mais tarde, uma nova iconografia seria criada para proporcionar aos devotos uma representação “palpável”, e as estátuas das divindades romanas foram substituídas por imagens de santos para os quais eles podiam canalizar suas orações e súplicas.
- [ii] Do latim Dianus (com a mesma raiz de dies – dia) ou Ianus ou Janus.
- [iii] Jano pode ser um eco longínquo do acádio Usmu ou do egípcio Nehebkau.
- [iv] As moedas romanas mais antigas trazem de um lado a efígie de Jano e, do outro, a proa de um barco. Ao tirarem cara ou coroa os romanos diziam capite aut navim (cabeça ou barco, em latim)
- [v] Uma moeda é, em última análise, uma representação do círculo solar, que, na mitologia egípcia, era identificado com Ra, cuja barca fazia o Sol se mover no firmamento.
- [vi] deus omnium initiorum, em latim.
- [vii] Em vários países adota-se a palavra janitor para identificar os responsáveis por zelar pelos edifícios ou propriedades em geral e que, por isso, detêm suas chaves.
- [viii] Do latim sol sistere, que significa parada do sol ou sol estático.
- [ix] No templo de Salomão, as colunas J e B indicariam a posição do sol nos dois solstícios.
- [x] Pelo menos nos documentos consultados pelo autor.

- [xi] Também chamado de Império Romano do Oriente.
- [xii] Data onde também ocorria a festa do deus nórdico Jul.
- [xiii] Ao contrário, alguns autores refutam esta hipótese.
- [xiv] Escultores de pedras emancipados, em tradução livre do latim.
- [xv] Latonni (Cultuadores de Apolo ou Diana) chamados de pedreiros-livres, em tradução livre do latim.
- [xvi] Do ponto de vista de iconografia, no entanto, dois dos principais símbolos de Jano, que eram a chave e o barco, passaram, curiosamente, a ser associados a S. Pedro, que, como o deus romano, é o patrono católico dos construtores de pontes.
- [xvii] Entre os séculos XV e XVIII, em Paris, existiu uma guilda de impressores e livreiros, chamada de Guilda de São João Evangelista, dedicada quase que exclusivamente à ajuda mútua e benemerência.
- [xviii] Florença, na Itália, considerada o berço do Renascimento e, portanto, mantenedora da mais importante guilda de construtores da Europa Ocidental na época, tinha São João Batista como padroeiro desde o começo do segundo milênio.
- [xix] Um exemplo é a catedral de Chartres, na França, construída no século XII. No solstício de verão, os raios de Sol atravessam o vitral de São Apolinário e projetam um círculo de luz sobre uma estrutura de metal no piso da igreja.
- [xx] Nos manuscritos Edinburgh Register House, de 1696, e Chetwode Crawley, de 1717, que são reconhecidos como exemplares dos Antigos Deveres, os aprendizes diziam jurar por Deus e São João, pelo Esquadro e Compasso...
- [xxi] Estudo os santos.
- [xxii] Diz a antiga filosofia que a alma humana descia dos céus e passava pela Porta dos Homens para encarnar na terra. Na morte, após deixar o corpo, ela passava pela Porta dos Deuses e retornava aos céus.

Bibliografia

Audin, A., *Dianus bifrons ou les deux stations solaires, piliers jumeaux et portiques solsticiaux*, Revue de géographie de Lyon. Vol. 31 n°3, 1956. pp. 191-198.

Brentano, L., *On the history and development of gilds and the origin of trade-unions*, Londres, In-

glaterra, Trubner & Co., 1870

Burchett, B.R., Janus in roman life and cult – A study in roman religions, Menasha, E.U.A., George Banta Publishing Company, 1918

Capdeville, G., Les épithètes cultuelles de Janus, École pratique des hautes études. 4e section, Sciences historiques et philologiques. Annuaire 1970-1971. 1971. pp. 267-285

Dijkhof, H. J. H., The legitimacy of orders of St. John, Doetinchem, Holanda, 1947

Dumézil, G., Archaic Roman religion: with an appendix on the religion of the Etruscans, Maryland, E.U.A., The Johns Hopkins University Press, 1996

Dumézil, G., La religion romaine archaïque, Paris, Payot, 1974

Eliade ,M., Mitos, sonhos e mistérios, Lisboa, Portugal, Edições 70

Eliade, M. & Couliano I. P., Dicionário das Religiões, Lisboa, Portugal, Publicações Dom Quixote, Lda., 1993

Guénon, R., Simbolos fundamentales de la ciencia sagrada, R\LS\ no 131, Gran Logia de España

Holland, L. A., Janus and the bridge, L'antiquité classique, Tome 31, fasc. 1-2, 1962.

Morgan, W., The Mysteries of Freemasonry, E.U.A.

Noegel, S. B., Janus Parallelism in the Book of Job, Sheffield, Inglaterra, Sheffield Academic Press Ltd, 1996

Planas, J. A., Heráldica, simbolismo y usos tradicionales de las corporaciones de oficios: las marcas de canteros, Madrid, Espanha, Ediciones Hidalguia, 2009.

Renard, M., Aspects anciens de Janus et de Junon, Revue belge de philologie et d'histoire. Tome 31 fasc. 1, 1953

Santo Agostinho, Cidade de Deus, Lisboa, Portugal, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996

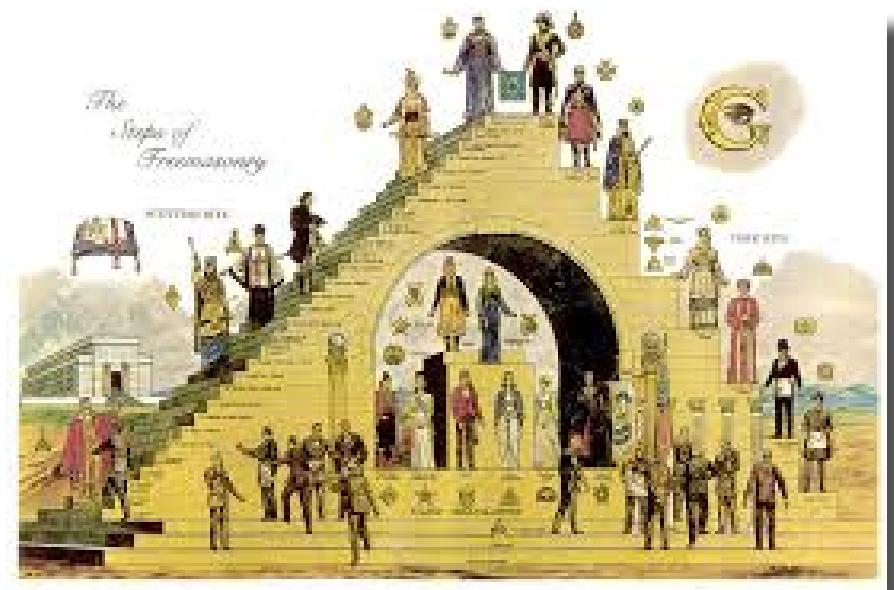
Schilling, R., Janus. Le dieu introducteur. Le dieu des passages, Mélanges d'archéologie et d'histoire T. 72, 1960. pp. 89-131.

Troya, C., Leggi sui maestri comacini, Napoli, Itália, Dalla Stamperia Reale, 1854

Tyerman, C., The Hospitallers: Knights of St John, Oxford, Inglaterra, Hertford College pp. 49

A Estrutura do Craft inglês e a questão da religião em Maçonaria

Por J. Filardo M.M.



A palavra Craft pode ser traduzida em Português por “ofício” e é o nome dado ao rito adotado pela maçonaria anglo-saxã. Ele evoluiu desde o Rito das Antigas Obrigações, passou pelo calvinista “Palavra do Maçom”, permaneceu algum tempo sob a constituição de 1723 e finalmente foi estabilizado em 1813 quando a Grande Loja de Londres recuou em seu posicionamento revolucionário em relação à religião natural e presença do Livro da Lei em loja, e adotou os costumes dos Antigos com a criação da Grande Loja Unida da Inglaterra. A essa altura, os graus de Mestre e Real Arco já se consolidaram, visto que não existiam na maçonaria inglesa antes de 1740. Entre os Maçons Antigos, originários da Irlanda, o grau já existia, inclusive com o grau lateral do Real Arco que se transmitiram depois à maçonaria inglesa.

Sendo a Maçonaria originária das guildas de pedreiros e não uma ordem cavalheiresca de cruzados, ela se organiza em três graus, o Entered Apprentice (Aprendiz), o Fellow Craft (Companheiro) e o Master Mason (Mestre) e baseia-se na simbologia ligada à profissão de pedreiro e construtor. Seguindo a tradição, eles se agrupam em “Lojas” que se reúnem em salas especialmente decoradas.

É importante destacar que as lojas existiam muito antes de 1717. O que não existia era uma organização centralizada que coordenasse ou tivesse autoridade sobre o “ofício”. Isso só começou a surgir na Escócia no século XVII quando William Schaw organizou as lojas dispersas e as colocou sob um regulamento e a chefia de um Grão-mestre e foi também quando começaram as adesões de homens alheios à profissão de pedreiro que se tornavam “maçons”, um pouco como existem hoje os títulos honorários, os maçons especulativos e não operativos.

Pouco a pouco, com a queda de encomendas de grandes obras, as guildas entraram em decadência e aceleraram a admissão desses “cowans” ou “profanos” como eram chamados os não-maçons, entre eles nobres que ofereciam proteção e prestígio.

As lojas também se tornaram populares entre os militares, onde cada regimento tinha sua própria loja itinerante, o que contribuiu para a disseminação da maçonaria por todo o Reino Unido e mesmo no Continente.

O final do século XVII na Inglaterra, bem como o início do século XVII foram muito tumultuados pelas disputas dinásticas pelo trono inglês que dividiram o reino entre católicos e protestantes.

A Inglaterra era protestante desde o século XVI quando Henrique VIII rompeu com o Papa e criou a Igreja Anglicana. A partir de então, os reis ingleses passaram a ser protestantes. Mas, entre os pretendentes ao trono havia nobres escoceses católicos que tinham direito ao trono por dinastia, o que tumultuou muito a sociedade da época.

Nesse contexto, as lojas de origem escocesa e irlandesa, devido à influência da Igreja Católica naqueles países, posicionaram-se a favor do pretendente católico escocês da Casa de Stuart, ao passo que a Sociedade inglesa protestante apoiava o pretendente protestante da casa de Hanover.

A sociedade inglesa, ou Establishment, visando contrabalançar o apoio das lojas escocesas e irlandesas ao Pretendente, encomendaram aos Iluministas da Royal Society, uma constituição de loja maçônica isenta de filiação religiosa, que seria usada para galvanizar apoio ao candidato alemão da Casa de Hanover. Sendo assim, o pastor Desagulliers designou o pastor Anderson para esse trabalho. Sendo um produto do novo espírito iluminista que surgia na época, a nova instituição introduziu um conceito revolucionário de religião natural, que laicizava a instituição, rompendo com a tradicional vinculação da Loja à Santa Madre Igreja e permitindo, assim, a filiação de homens de todos os credos e teoricamente de todas as raças que não eram necessariamente pedreiros. Eram as lojas especulativas dedicadas ao estudo e não à construção de edifícios.

Os organizadores reuniram algumas lojas operativas (de pedreiros de verdade) que se congregavam alegremente em tabernas londrinhas e constituíram uma Grande Loja, uma superestrutura que passaria a organizar, autorizar e fiscalizar a atividade de lojas maçônicas na Inglaterra. Passaram a cobrar taxas para autorizar o funcionamento de novas lojas, como uma franquia.

As Constituições de Anderson encomendada pelo Pastor Desagulliers continham visões diferentes da tradição das guildas até então mantidas pelas lojas. Seu Artigo Primeiro é:

“Em relação a Deus e a Religião

Um maçom é obrigado por sua condição a obedecer à lei moral e, se comprehende bem a arte, nunca será um ateu estúpido nem um libertino irreligioso. Embora nos tempos antigos os maçons fossem obrigados em cada país a praticar a religião daquele país, qualquer que fosse ela, agora é considerado

mais conveniente apenas obrigá-los a seguir a religião com a qual todos os homens concordam, isto é, ser homens bons e verdadeiros, ou homens de honra e probidade, quaisquer que sejam as denominações ou confissões que ajudam a diferenciá-los, de forma que a Maçonaria se torne o centro de união e o meio para estabelecer uma amizade sincera entre homens que de outra forma permaneceriam separados para sempre”.

Se compararmos à visão dos Maçons Antigos contida no Ahiman Rezon, a constituição da Grande Loja de Toda a Inglaterra:

“Em relação a Deus e a Religião

Um maçom é obrigado por seu mandato a obedecer à Lei Moral com um verdadeiro Noachita e se comprehende bem a arte, nunca será um ateu estúpido nem um libertino irreligioso nem agirá contra a Consciência. Em tempos antigos os maçons eram obrigados a cumprir os usos Cristãos de cada país onde ele viajasse ou trabalhasse, sendo encontrado em todas as Nações, mesmo de Religiões diferentes.

Eles são geralmente obrigados a aceitar aquela Religião com a qual todos os homens concordam (deixando cada Irmão à sua própria Opinião particular), isto é, ser homens bons e verdadeiros. Homens de honra e probidade, sob quaisquer denominações, religiões ou confissões que ajudam a diferenciá-los, pois todas concordam com os três grandes Artigos de Noé, suficientes para preservar o Cimento da Loja.

A Maçonaria é o centro de sua União e o meio feliz de conciliar pessoas que de outra forma permaneceriam separados para sempre”.

Constatamos uma divergência profunda no que se refere à religião, o que sustentou uma querela entre as duas Grandes Lojas que só chegaram a um acordo em 1813, quando a Grande Loja de Londres aceitou a posição da Grande Loja da Inglaterra e constituíram a Grande Loja Unida da Inglaterra.

Conforme dissemos acima, as lojas eram compostas de Aprendizes e Companheiros chefiados por um Mestre que era eleito por um determinado período. Assim, pouco a pouco o grau de Mestre de Loja foi surgindo e subsequentemente surgiu o grau “lateral” do Real Arco. Esse “grau lateral” surgiu na Irlanda e foi adotado pelos ingleses, primeiramente como um complemento ao grau de Mestre, daí o nome de “grau lateral”. Atualmente ele é, na prática, um quarto grau na estrutura do Craft.

Essa maçonaria, mesmo depois de 1813, quando prevaleceram os usos e costumes da Maçonaria Antiga, representada pelos irlandeses e escoceses de influência católica, é fiel à noção de que todas as religiões são aceitas na Maçonaria. Nos três primeiros graus, pelo menos.

Dessa forma, o Craft exige uma fé, obrigatoriamente, para o ingresso na Ordem, independente de grupo étnico, opiniões políticas e condições econômicas ou religião. Na Inglaterra, diferentemente da maior parte das maçonarias do restante do mundo, o interessado em ingressar na Maçonaria manifesta seu desejo a um maçom conhecido, ou atualmente, pode preencher um formulário online.

Seu pedido será analisado, uma pesquisa de antecedentes discreta será realizada e, uma vez liberado, será encaminhado para a loja mais próxima de seu endereço, onde será “feito” maçom em loja.

Terá assim, ingressado no grau de Aprendiz, onde permanecerá por um curto período, aprendendo as noções básicas da instituição, após o que “subirá” para o grau de Companheiro e daí para o de Mestre.

Sua carreira pode, se assim o desejar, se encerrar nesse grau e nele permanecer por toda a sua vida maçônica. Ou poderá pleitear, de pleno direito, a presidência da loja, quando passará a ser Mestre de Loja. Este é o ápice da hierarquia. Terminado o mandato, passará a ser um Past-Master (ex-Venerável) da loja.

Essa é a estrutura da chamada Maçonaria Simbólica que funciona da mesma forma em todo o mundo. Entretanto, nem todos os Maçons se limitam às possibilidades da Maçonaria Simbólica e querem prosseguir. Para esses irmãos, existem outras ordens complementares à Maçonaria que têm como pré-requisito o grau de Mestre Maçom para o ingresso. São organizações independentes do Craft, no caso.

É interessante notar que os mesmos ingleses que não discriminam religiões nos três primeiros graus, impõe o Cristianismo Trinitário à maior parte das Ordens suplementares à Maçonaria, principalmente nos níveis mais altos da estrutura.

Sendo assim, qualquer Mestre pode ingressar na Ordem do Santo Real Arco, ou na Ordem de Maçons Mestres de Marca, ou na Ordem do Monitor Secreto. Mas, só poderá ingressar na Societas Rosicruciana in Anglia, na Real Ordem da Escócia, ou no Rito Antigo e Aceito se for Cristão Trinitário.

E não para aí. Depois de ingressar na Ordem de Maçons Mestre de Marca, ele só poderá ingressar na Fraternidade de Marinheiros da Real Arca e fim de carreira. Ou se tiver o grau de Real Arco além de Marca, poderá pleitear a entrada na Ordem de Athelstan, ou na Ordem de Graus Maçônicos Aliados, ou na Ordem de Cavaleiros Maçons e na Ordem dos Mestres Reais e Seletos e daí na Ordem da Trolha De Prata que é o mais alto nível a que pode chegar um maçom não-cristão trinitário.

Se escolher a Ordem do Monitor Secreto, somente poderá entrar para a Ordem do Cordão Escarlata. E fim de carreira. Entrando na Ordem do Santo Real Arco, ele ainda tem mais chances de progresso. Poderá, se tiver o grau de Santo Real Arco, além do grau de Mestre de Marca, por exemplo, ingressar na Ordem de Athelstan, ou na Ordem de Graus Maçônicos Aliados, ou na Ordem de Cavaleiros Maçons. E se ingressar, como pode, na Ordem dos Mestres Reais e Seletos ainda terá uma chance de entrar na Ordem da Trolha De Prata que é o mais alto nível a que pode chegar um maçom não-cristão trinitário.

Agora, se for Cristão Trinitário, poderá ingressar na Ordem da Cruz Vermelha de Constantine,

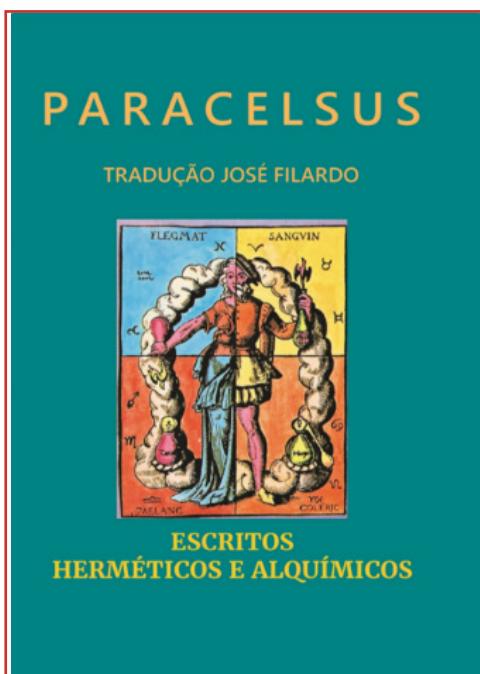
e fim de carreira. Mas, se ingressar na Ordem de Cavaleiros Templários e Cavaleiros de Malta, as portas se abrem para o nível mais alto da estrutura, onde só se ingressa se for Cristão Trinitário. Terá como opções a Ordem de Sacerdotes Cavaleiros Templários da Santa Real Arca, a Ordem de S. Tomás de Acon e a Ordem de Cavaleiros Beneficentes da Cidade Santa.

E finalmente, se ingressou na Ordem de Sacerdotes Cavaleiros Templários da Santa Real Arca, poderá entrar para a Ordem as Sabedoria Santa.

Complicado, não? Tudo porque muitos maçons não se identificam com a simplicidade do ofício de pedreiro e sentem uma necessidade imperativa de serem vistos como cavaleiros andantes à procura de donzelas em perigo.

Curiosa era a posição da Grande Loja Unida da Inglaterra, muito crítica em relação às Ordens, como podemos ver em uma carta do Grão Mestre da GLUI – Thomas Manningham em 1757:

...
"As únicas ordens que conhecemos são três, Mestres, Companheiros e Aprendizes, e nenhuma delas chegou à honra de Cavalaria pela Maçonaria; e eu acredito que você mal pode imaginar que, em tempos antigos, a Dignidade da Cavalaria florescesse entre os Maçons; cujas lojas até agora consistiram de maçons operativos e não maçons especulativos. Cavaleiros da águia, Cavaleiros da Espada, eu li em romances, o próprio grande Dom Quixote foi feito Cavaleiro do Capacete de Bronze, quando ele venceu o barbeiro. Cavaleiros da Terra Santa, São João de Jerusalém, Templários, etc., existiram, e acredito que agora existem os Cavaleiros de Malta, mas o que é isso para a Maçonaria."



Este volume contém 5 obras do alquimista, médico, astrólogo, hermeticista suíço-alemão Philipus Theophrastus Bombastus von Hohenheim, conhecido como Doutor Paracelsus. (1493 - 1541) São elas Coelum philosophorum, A Tintura dos Filósofos, O Tesouro de Tesouros, A Aurora dos Filósofos, Catecismo Alquímico, mais um artigo de Benedictus Figulus. Não é garantido que o leitor conseguirá transmutar chumbo em ouro, ou conseguirá o elixir da juventude, mas segundo Paracelso, quem souber ler as entrelinhas e aprender o significado das suas palavras estará muito próximo de realizar a sua Magna Opera.

Para comprar clique no link:

<https://clubedeautores.com.br/livro/escritos-hermeticos-e-alquimicos-2>

A Arte da Memória e Maçonaria

Tradução J. Filardo

por Clarence A. Anderson

Quando um candidato entra no caminho iniciático da Maçonaria, uma das primeiras coisas que ele descobre é que há uma grande quantidade de memorização envolvida. Os oficiais executam o ritual de memória, e longas palestras memorizadas lhe são apresentadas. Finalmente, talvez para sua consternação, ele descobre que deve memorizar um diálogo antes que possa avançar para o próximo grau.

Por que a memorização é tão importante em Maçonaria? Como a prática de decorar o ritual entra na Maçonaria? A memorização ainda tem valor nos tempos modernos? Considerando a importância tradicionalmente dada à memória na Maçonaria, surpreendentemente pouco foi escrito sobre isso. Uma busca em encyclopédias maçônicas e livros de referência revela praticamente nada.

Um dos poucos livros a lidar com as origens da memorização na Maçonaria é *As Origens da Maçonaria, o século da Escócia 1590-1710*, de David Stevenson.[i] Stevenson ressalta que as primeiras referências à memória na Maçonaria ocorrem nos Estatutos Schaw. William Schaw foi nomeado Mestre de Obras do Rei para James VI da Escócia (mais tarde James I da Inglaterra) em 1583. Como Mestre das Obras, Schaw era membro da corte real e era responsável pela manutenção de todos os edifícios reais. Em 1598 e 1599, a Schaw emitiu regulamentos para o comércio de construção na Escócia. Eles estavam basicamente preocupados com os regulamentos de saúde e segurança, mas também continham regras para a organização dos pedreiros trabalhadores.[ii]

Os Primeiros Estatutos Schaw, de 1598, exi-

giam a seleção de Aintenders (instrutores) para cada novo companheiro em sua admissão. Nas atas iniciais das lojas de Edimburgo e Haven de Atchison mostram que geralmente eram os companheiros mais recentemente admitidos que eram selecionados como instrutores. Como os candidatos teriam que provar sua proficiência técnica antes de serem admitidos, parece razoável supor que a função de intendente era instruir o novo companheiro em trabalho secreto. Isto é confirmado pelo Manuscrito Dumfries no. 3 do século XVII, que diz:

“Então, deixe a pessoa que, então, é feita um maçom, escolher da loja um maçom que deve instruí-lo naqueles segredos que nunca devem ser escritos, e ele o deve chamará Tutor. Então seu tutor o levará para o lado e lhe mostrará todo o mistério, e, em seu retorno, ele pode exercitar com o restantes de seus colegas pedreiros.[iii]

A primeira referência explícita ao uso da memória na Maçonaria está nos Segundos Estatutos Schaw de 1599:

“[O] Vigilante da Loja ...” testará a arte da memória e ciência dela de cada companheiro e cada aprendiz de acordo com a sua vocação e, caso tenham perdido algum ponto dela... pagará a penalidade como segue por sua preguiça...”.

Aqui, Schaw está criando uma regra especial que todos os membros da Loja devem ser testados anualmente quanto à capacidade de memorizar algo. Infelizmente, não está claro o que é aquilo, mas parece ter algo a ver com o ritual e as cerimônias da loja.[iv]

Nós sabemos pouco sobre o ritual na Escócia no

período em torno de 1600. Os primeiros materiais escritos datam de cerca de um século depois. Quaisquer que sejam os detalhes do ritual, isso era visto de alguma forma ligado ao esotérico. Este pode ter sido um dos fatores que atraia homens que não eram trabalhadores pedreiros para se juntarem à organização. Uma prova que mostra como a Maçonaria era considerada no início do século XVII é um poema de George Adamson, *The Muses Threnodie*, publicado em 1638, após a morte de Adamson, mas provavelmente escrito por volta de 1630. Contém as linhas:

*Porque o que pressagiamos não está em bruto,
Porque nós irmãos da Rosa Cruz;
Temos a Palavra do Maçom e segunda vista,
Coisas por vir podemos contar certo.[v]*

Aqui, a Maçonaria é retratada como de alguma forma dando aos seus praticantes o poder de prever o futuro, e a Maçonaria está ligada ao Rosicrucianismo. Este link se tornará importante, ao considerarmos a arte da memória.

Stevenson aponta que quando Schaw se referia à Arte da memória, ele não estava apenas usando um termo extravagante para a capacidade de memorizar. [vi] A Arte da memória, ou ars memorativa, era uma técnica específica para memorizar coisas, bem conhecida na época em que Schaw estava escrevendo, que tinha suas origens nos tempos Clássicos. [vii] Originalmente, a intenção da arte da memória era aumentar grandemente a capacidade natural da memória humana. Os praticantes da arte da memória tentaram encontrar maneiras de manter, recuperar e usar uma grande quantidade de informações. Nos tempos medievais e renascentes tardios, a arte da memória gradualmente tornou-se altamente simbólica. Os neoplatonistas e hermetistas gradualmente a adaptaram para desenvolvê-la em uma forma especial de conhecimento, uma maneira especial de se relacionar com o univer-

so. É nesta tradição que Stevenson encontra as origens do uso maçônico da memória.

A história tradicional é que a arte da memória se originou com o poeta grego Simonides de Ceos, cerca de 500 aC. De acordo com a lenda, um nobre da Tessália contratou Simonides para compor uma ode, a ser recitada em um banquete celebrando as vitórias atléticas do nobre. O nobre concordou em pagar um certo preço pela ode. Simonides incluiu algumas linhas na ode em homenagem a Castor e Pollux, deuses gregos do boxe e da equitação. O nobre reclamou que a ode deveria ter se dedicado inteiramente a ele, e disse que pagaria apenas metade do preço acordado. Ele disse a Simonides que cobrasse a outra metade de sua taxa de Castor e Pollux.

Pouco tempo depois, um mensageiro disse a Simonides que dois jovens estavam esperando fora do salão do banquete para vê-lo. Quando Simonides saiu, ninguém estava lá, mas, assim que ele deixou o prédio, o telhado desmoronou, matando todos lá dentro. Naturalmente, a lenda é que os dois jovens eram Castor e Pollux, que tinham vindo pagar a metade dos honorários. A história conta que os corpos dos convidados estavam tão mutilados que não podiam ser identificados. Simonides, no entanto, conseguiu lembrar-se de onde cada convidado estava sentado e, por isso, os corpos foram identificados. Pensando nisso, Simonides percebeu que esse método de lembrar coisas poderia ser usado para outros fins. Ele desenvolveu um sistema de memorização e o ensinou com grande sucesso. [viii]

As características essenciais da arte tradicional da memória são que um edifício é retratado na mente, as partes do edifício são visualizadas em uma determinada ordem, e várias imagens são associadas às partes do edifício. As imagens lembrariam ao praticante o que ele estava tentando lembrar. Quando estava tentando lembrar algo, o praticante caminharia mentalmente pelo prédio.

Quando ele chegasse, por exemplo, a uma certa estátua, ele se lembraria da imagem que ele havia associado a ela, por exemplo, uma espada e um escudo, e isso lembraria o que desejava lembrar, que o próximo ponto de seu discurso envolia guerra. Idealmente, as imagens deveriam ser impressionantes e memoráveis. Os oradores e políticos romanos usavam a arte da memória para que pudesse pronunciar longos discursos com precisão. Pode-se imaginar um antigo orador passeando pela cidade, procurando um edifício adequado com muitos locais distintivos, onde ele poderia ancorar suas associações mnemônicas, e em seguida, passando lentamente por ele enquanto ensaiava seu discurso. O elemento-chave deste sistema é o uso de imagens mentais em configurações ordenadas, muitas vezes arquitetônicas, e tornou-se a base para desenvolvimentos posteriores.

Nos tempos medievais e renascentistas, juntamente com as configurações arquitetônicas usadas na arte clássica da memória, os praticantes faziam uso de todo o cosmo ptolemaico de esferas concêntricas como cenário para suas imagens de memória. Hermeticistas do Renascimento levaram isso um passo adiante. Eles argumentavam que, se a memória humana podia ser reorganizada à imagem do universo, ela se tornou-se um reflexo de todo o reino das Ideias platônicas e, portanto, a chave para o conhecimento universal.

O microcosmo da memória refletiria o macrocosmo do universo.[ix] As imagens colocadas em um edifício não precisam ser usadas para associar e lembrar ideias externas arbitrárias. As próprias imagens podem ser usadas para lembrar o observador de certas ideias. A ênfase muda de expansão da memória para a busca de uma linguagem universal de símbolos. O templo da memória pode se tornar não apenas um método para lembrar discursos, mas uma ferramenta para ensinar.

Frances Yates escreveu:

“Não é fácil para nós reconquistar o espírito em que os príncipes do Renascimento planejaram e mobilizaram seus palácios e terrenos, como uma espécie de sistema de memória viva, através do qual em elaborados arranjos de lugares e imagens, todo o conhecimento, toda a enciclopédia, poderia ser armazenado em uma memória... e também, talvez, induzir uma atmosfera através da qual relações ocultas pudessem ser percebidas e harmonias ocultas do universo pudessem ser ouvidas”. [x]

O próximo passo lógico seria construir um edifício especificamente utilizado para ser usado para a arte da memória, para incorporar todo o conhecimento humano. Existe pelo menos um exemplo conhecido. Giulio Camillo (1480-1544) construiu um teatro portátil de madeira no qual apenas duas pessoas podiam entrar. Segundo Camillo, a estrutura continha lugares de memória e imagens que poderiam conter todo o conhecimento humano. [xi]

Talvez o sistema mnemônico mais desenvolvido e complexo na época fosse o de Giordano Bruno. [xii] Um dos estudantes de Bruno, Alexander Dicson (ou Dickson) era um cortesão de James VI da Escócia. É altamente provável que ele conhecesse William Schaw, e possa ter sido a fonte do interesse de Schaw pela arte da memória. [xiii]

Stevenson sugere que a tentativa de construir um teatro de memória físico é a origem da Loja maçônica simbólica. Ou seja, nossos edifícios de lojas e painéis de loja, em maior ou menor grau, são uma encarnação de uma loja ideal, que existe em sua forma máxima somente em nossas mentes. Os maçons do século XVII provavelmente usavam giz ou carvão para marcar um diagrama dessa loja ideal em qualquer sala em que eles se reunissem. Os mais antigos catecismos maçôni-

cos preservados são do final do século XVII e mostram que os maçons desta época tinham uma imagem mental da Loja essencialmente a mesma que é dada na palestra moderna do grau de Aprendiz. [xiv] Comparado aos sistemas de memória de Giordano Bruno ou Giulio Camillo, uma loja maçônica é um templo de memória muito simples. Em vez de tentar apresentar todo o conhecimento humano, uma loja apenas sugere caminhos que o iniciado pode querer explorar. É talvez por esta mesma razão que a Maçonaria continua a ser uma força vital, enquanto os sistemas elaborados de memória do passado estão quase esquecidos.

Os edifícios imaginários utilizados para a arte da memória às vezes são chamados de teatros de memória. Robert Fludd, escritor do século XVII sobre o Rosicrucianismo, escreveu extensivamente sobre a arte da memória e sugeriu o uso de um prédio de teatro real para ancorar as imagens da memória. A.T. Mann, em seu livro Arquitetura sagrada, sugere que locais específicos em um teatro isabelino ou jacobita tenham significados simbólicos específicos, de modo que o lugar onde um personagem entrou, saiu e atuou dava indícios quanto ao estado de espírito. [xv] Pode valer a pena investigar se essa ideia poderia ser aplicada às Lojas Maçônicas. Outra possível relação entre o teatro isabelino e jacobino e as Lojas maçônicas é que a frente do teatro tinha uma cobertura, chamada Aheavens, retratando o zodíaco e outros corpos celestes. [xvi] Isso lembra o céu coberto de Astar que nos é dito simbolicamente cobre a loja, e que às vezes é representado no teto da sala da Loja.

Na vida moderna, livros e computadores são fontes fáceis de informação. Conferencistas podem usar notas ou teleprompters. Mesmo assim, a arte da memória ainda tem valor. Um dos objetivos da prática tradicional é maximizar as capacidades humanas como ferramentas para a transformação interior. A arte da memória é

valiosa para nós hoje, não só porque ela desenvolve a memória, e nos permite reter uma grande quantidade de informações, mas também porque exige de nós que usemos outras capacidades, tais como atenção, imaginação e imagens mentais, que são úteis para o nosso desenvolvimento geral.[xvii]

Cada Loja é, de fato, um Templo da Memória, projetado para provocar efeitos específicos através da lembrança de suas imagens e símbolos, e nossos movimentos físicos à medida que avançamos através da loja. Cada grau enfatiza um aspecto deste Templo. A palestra do grau de Aprendiz nos lembra o nosso lugar no esquema cósmico das coisas, o macrocosmo. O grau de Companheiro nos traz de volta à terra, enquanto nos movemos através do mundo material. O grau de Mestre Maçom traz a espiral ainda mais para dentro, para dentro de nós, para o microcosmo da psique humana. Assim, a arte da memória continua a ser uma parte essencial da iniciação maçônica. O método da iniciação maçônica é ensinar-nos a construir, e a viver, um templo da memória, um templo repleto de símbolos que nos lembrem daquele edifício espiritual, daquela casa não feita com as mãos, eterna nos céus.

NOTAS

[i] David As Origens da Maçonaria: o século da Escócia 1590 – 1710, Cambridge University Press, 1988.

[ii] Cooper, Robert L. D., A Maçonaria de Schaw, The Short Talk Bulletin, Vol 89, No. 7, July 2002, The Masonic Service Association of America, Silver a Spring MD, pp. 3-4.

[iii] Carr, Harry, ed., Os primeiros catecismos maçônicos, 1943, reimpresso pela Kessinger Publishing Co., Kila MT (reimpressão sem data).

[iv] Cooper, p. 5

[v] Stevenson, p. 126

[vi] Stevenson, p. 49

[vii] Yates, Frances, A arte da memória, University of Chicago Press, Chicago, 1966.

[viii] Fuller, Henry H., A arte da memória, National Publishing Co., St. Paul MN, 1898.

[ix] Greer, John Michael, Ars Memorativa: Uma Introdução à Arte Hermética da Memória. [Http://www.monmouth.com/~equinoxbook/memory.html](http://www.monmouth.com/~equinoxbook/memory.html)

[x] Yates, Frances, O Iluminismo Rosacruz Barnes and Noble, Nova Iorque, 1996, p. 68.

[xi] Mann, AT, Arquitetura sagrada, Element, Rockport MA, 1993, pp. 158-163.

[xii] Yates, Frances, Giordano Bruno e a tradição hermética, University of Chicago Press, Chicago, 1991.

[xiii] Stevenson, pp. 87-96

[xiv] Carr, supra.

[xv] Mann, supra, pp. 168 ff.

[xvi] Yates, Frances, Teatro do Mundo, University of Chicago Press, Chicago, 1966.

[xvii] Greer, s

OS CONSTRUTORES DA CATEDRAL

A HISTÓRIA DE UMA GRANDE GUILDA MAÇÔNICA

Leader Scott

Traduzido e Ilustrado por José Filardo



Um livro precioso, inédito em língua portuguesa, ilustrado com fotos que tornam palpáveis as referências do autor. Inclui índice remissivo, o que o torna uma ferramenta de pesquisa e é muito bonito, com a primorosa impressão do Clube de Autores.

Conta uma história e ao mesmo tempo nos ensina a reconhecer estilos, características e costumes medievais das grandes catedrais europeias.

Pode ser comprado em cores e em preto & branco. Naturalmente, a edição colorida é muito mais satisfatória. É um livro que toda pessoa que viaja à Itália deveria ler, antes de embarcar.

Para comprar clique no link:

<https://clubedeautores.com.br/livro/os-construtores-da-catedral-2>